

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

ÉRICA DAIANE NOVAES CARVALHO

**FOLHAS DA NATUREZA, FOLHETOS DO SERTÃO: a
Literatura de Cordel como estratégia no Ensino de Botânica**

Águas Lindas de Goiás - GO
2025

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Nome Completo do Autor: Érica Daiane Novaes Carvalho.

Matrícula: 20221140050072

Título do Trabalho: Folhas da natureza, folhetos do sertão: a Literatura de Cordel como estratégia no Ensino de Botânica.

Autorização - Marque uma das opções

1. ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
2. ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data ____/____/____ (Embargo);
3. ☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.
☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.
☐ Outra justificativa: _____

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- I. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- II. obteve autorização de quaisquer materiais incluídos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- III. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Águas Lindas de Goiás, 18/11/2025.
Local Data

Documento assinado digitalmente
 ERICA DAIANE NOVAES CARVALHO
Data: 18/11/2025 07:11:18-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

ÉRICA DAIANE NOVAES CARVALHO

**FOLHAS DA NATUREZA, FOLHETOS DO SERTÃO: a
Literatura de Cordel como estratégia no Ensino de Botânica**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Licenciado do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Águas Lindas de Goiás, desenvolvido na linha de pesquisa Educação e Cultura. Orientador(a): Prof(a). Antônio Cláudio de Araújo Jr.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Carvalho, Erica Daiane Novaes.	
C331f	Folhas da natureza, folhetos do sertão: a Literatura de Cordel como estratégia no ensino de Botânica [manuscrito] / Erica Daiane Novaes Carvalho. – 2025. 81 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Águas Lindas de Goiás. Orientador: Prof. Antônio Cláudio de Araújo Júnior. 1. Literatura de Cordel. 2. Botânica. 3. Cultura brasileira. I. Araújo Júnior, Antônio Cláudio de. II. Título. CDD: 580.7

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Myriam Martins Lima – CRB-1: 3582, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Câmpus Águas Lindas de Goiás.

TERMO DE APROVAÇÃO

ÉRICA DAIANE NOVAES CARVALHO

FOLHAS DA NATUREZA, FOLHETOS DO SERTÃO: a
Literatura de Cordel como estratégia no Ensino de Botânica

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Câmpus Águas Lindas de Goiás como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Biológicas, sob a orientação do Prof. Dr. Antônio Cláudio de Araújo Júnior.

Aprovado em 21 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Antônio Cláudio de Araújo Júnior Orientador

(assinado eletronicamente)

Profa. Ma. Clarissa Lemos Cavalcanti

Docente convidada

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Fernando Campos de Assis Fonseca

Docente do Departamento de Áreas Acadêmicas

Documento assinado eletronicamente por:

- Clarissa Lemos Cavalcanti, Clarissa Lemos Cavalcanti - 2035 - PESQUISADORES DAS CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - Unb (00038174000143), em 25/07/2025 07:54:35.
- Fernando Campos de Assis Fonseca, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 22/07/2025 23:48:50.
- Antonio Claudio de Araujo Junior, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 22/07/2025 11:05:47.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 21/07/2025. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifg.edu.br/autenticar-documento/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 672452
Código de Autenticação: 1c44529ed9



AGRADECIMENTOS

Este trabalho é como uma colcha de retalhos: costurados com pedaços de muitas histórias, bordado e tecido com falas e silêncios que também me ensinaram. Cada etapa foi um ponto alinhavado, ora firme, ora trêmulo, por mãos que me sustentaram e por memórias que resistiram ao tempo. Há retalhos que vieram da infância, outros da sala de aula, do chão das escolas, das conversas com professores, das risadas com as colegas... Como toda colcha feita com verdade, essa também abriga. Abriga dúvidas, descobertas, mudanças e, sobretudo, a certeza de que educar é costurar mundos com paciência e coragem, fios invisíveis que, mesmo quando não nomeados, permanecem firmes, sustentando cada ponto do percurso.

E justamente por isso agradecer é reconhecer presenças, registrá-las e também significa eternizá-las. Sendo assim, deixarei aqui registrados os afetos que ajudaram a construir este percurso.

Aos meus filhos, agradeço com o coração inteiro. Nos momentos em que precisei de silêncio, compreensão e tempo para a escrita, recebi deles o mais puro afeto e respeito. Foram companheiros invisíveis desta construção, e são parte essencial de tudo que sou e busco ser. Obrigada por compreenderem as ausências, acolherem os silêncios e celebrarem comigo cada pequena conquista. Este trabalho também é de vocês.

Agradeço aos meus professores da graduação, que, por meio de metodologias e, para além disso, de sua postura em sala, sempre me provocaram a pensar a educação como prática política e transformadora. Estendo minha gratidão aos professores que me acompanharam ao longo de toda a vida escolar. Todos eles, à sua maneira, deixaram marcas em minha caminhada e permanecem também em minha memória.

Aos meus pais, deixo uma homenagem especial, por cada gesto de esforço e renúncia que me manteve na escola. Por nunca abrirem mão de me ver estudando, mesmo diante das dificuldades. Por falarem de mim com orgulho e enxergarem na educação um caminho de transformação, minha eterna gratidão.

Agradeço com carinho às minhas colegas de curso Daniele e Natália, pela parceria e apoio em tantos momentos, desde o início do curso. A você, Natália, em especial, pelo companheirismo nos momentos de aplicação da proposta e, principalmente, por termos construído uma amizade que transcende os muros do campus.

Ao meu orientador, professor Antônio Cláudio de Araújo Jr., minha sincera gratidão por ter enxergado potencial na proposta ainda em seu estágio inicial e, com entusiasmo e sensibilidade, ter me encorajado a transformá-la em um trabalho de conclusão.

Cada um, com sua presença, palavra ou gesto, fez com que esta caminhada se tornasse mais leve e mais significativa. A todos e todas, meu mais profundo agradecimento.

FOLHAS DA NATUREZA, FOLHETOS DO SERTÃO: a Literatura de Cordel no Ensino de Botânica

ÉRICA DAIANE NOVAES CARVALHO

dhai.novaes@gmail.com

Antônio Cláudio de Araújo Jr.

antonio.araujo@ifg.edu.br

Resumo

A relação entre a cultura brasileira e a educação, especialmente no que se refere à valorização da diversidade cultural no processo de ensino-aprendizagem, é fundamental para promover um conhecimento conectado às múltiplas identidades, ampliando perspectivas e fortalecendo a construção de uma sociedade mais inclusiva. Este trabalho propõe a utilização da Literatura de Cordel como estratégia pedagógica, por sua conformação lúdica e expressiva, além da capacidade de aproximar os estudantes de suas raízes, incentivando o contato com diferentes manifestações culturais brasileiras. A proposta se ancora em uma abordagem interdisciplinar que permitiu aos alunos não apenas o acesso a conhecimentos científicos, mas também estabelecer conexões entre esses conteúdos e linguagens diversas, como música, poesia e artes visuais. Buscou-se ainda, valorizar memórias e experiências familiares, tornando o processo de aprendizagem mais significativo e criativo. A sequência didática, centrada na cultura nordestina e na Literatura de Cordel, foi integrada ao ensino de Biologia, com ênfase nos conteúdos de Botânica. Foram utilizados recursos variados, como vídeos, leituras, registros escritos e produções artísticas, promovendo diferentes formas de expressão e comunicação. Entre os resultados observados, destacaram-se o fortalecimento da identidade cultural dos alunos, o engajamento e interesse pelos conteúdos propostos, o estímulo à criatividade e à expressão artística, bem como o desenvolvimento de uma postura crítica e respeitosa em relação às diferentes culturas. Também foi possível perceber uma ampliação do olhar dos alunos sobre as diferentes formas com que o homem observa e retrata a natureza, especialmente as plantas. Assim, ao integrar ciência e cultura regional, a proposta contribuiu para uma educação mais interativa e inclusiva, intensificando os vínculos dos estudantes com suas origens e favorecendo a formação de sujeitos conscientes e culturalmente sensíveis.

Palavras-chave: Literatura de Cordel; Botânica; Sequência Didática; Cultura brasileira; Interdisciplinaridade.

Abstract

The relationship between Brazilian culture and education, especially regarding the appreciation of cultural diversity in the teaching-learning process, is essential to promoting knowledge that is connected to multiple identities, broadening perspectives, and fostering the construction of a more inclusive society. This study proposes the use of *Literatura de Cordel* as a pedagogical strategy due to its playful and expressive nature and its potential to connect students to their cultural roots by encouraging contact with various Brazilian cultural manifestations. The proposal is grounded in an interdisciplinary approach that enabled students not only to access scientific knowledge but also to establish connections between these contents and other forms of expression, such as music, poetry, and visual arts. It also aimed to value family memories and experiences, making the learning process more meaningful and creative. The didactic sequence, focused on Northeastern Brazilian culture and *Literatura de Cordel*, was integrated into Biology teaching, with an emphasis on Botany content. A variety of resources were used, including videos, readings, written records, and artistic productions, promoting multiple forms of expression and communication. The results observed include the strengthening of students' cultural identity, increased engagement and interest in the proposed content, the encouragement of creativity and artistic expression, as well as the development of a critical and respectful attitude toward different cultures. It was also possible to perceive an expansion in the students' understanding of the different ways humans observe and represent nature, especially plants. Thus, by integrating science and regional culture, the proposal contributed to a more interactive and inclusive education, reinforcing students' connection to their roots and supporting the formation of culturally aware and socially engaged individuals.

Keywords: *Literatura de Cordel*. Botany. Didactic Sequence. Brazilian Culture. Interdisciplinarity.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 INTRODUÇÃO	13
1.1 A Cultura como processo histórico, social e educativo	13
1.2 Cultura Nordestina: História, Música e Oralidade Popular	15
1.3 Literatura de Cordel	18
1.4 Educação Contextualizada e Integração de saberes	23
1.5 Sequência Didática	27
2 OBJETIVOS	31
2.1 Objetivo Geral	31
2.2 Objetivos Específicos	31
3 METODOLOGIA	32
3.1 Floresce um Saber em cordel: A concepção de uma Sequência Didática	32
3.2 E no início era um Cordel, a aula-teste que semeou a poesia na prática docente	34
3.3 Isogravura e Cordel no IF: ramificações que reinventam a proposta	40
3.4 Colhendo os frutos. A sequência didática como trilha formativa	43
4 NOTAS REFLEXIVAS	58
4.1 Laboratório de Aula-Teste: o banco de “Sementes de Ideias” do IFG	59
4.2 Análise das Aplicações da Seq. Didática em Espaços e Contextos Diversificados	60
4.3 O que os olhos também dizem: escutas que não cabem em voz	64
4.4 Encontros entre Educação e Cultura	64
4.5 A sequência pelos olhos das colegas	65
4.6 PONTAS SOLTAS	67
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICES	72
	10

APRESENTAÇÃO

Em 2023, os licenciandos do 4º período de Ciências Biológicas, turma da qual faço parte, foram desafiados durante a disciplina de *Metodologias do Ensino de Ciências e Biologia*, ministrada pelo professor Antônio Cláudio de Araújo Jr., a elaborar uma aula-teste. Essa atividade deveria contemplar estratégias, metodologias de ensino trabalhados em sala durante o semestre e conteúdo de Ciências e Biologia. Após o sorteio dos temas e abordagens pedagógicas, o professor comentou sobre as possibilidades de execução das aulas e ao comentar sobre gêneros literários, recursos visuais ou tecnológicos, de imediato considerei o Cordel como uma possibilidade. Foi neste momento, diante da escuta atenta e reflexão sobre as razões que justificariam a construção de uma aula-teste que unisse os conteúdos de Biologia à representatividade regionais, à integração dos saberes populares e à construção de uma aprendizagem mútua, que se desenhou a elaboração dessa dinâmica de ensino interdisciplinar, que enfatiza a importância de uma integração entre saberes diferentes, estimula o pensar e a construção coletiva do conhecimento.

As motivações também permearam outras questões que avaliei como relevantes diante do cenário social e político brasileiro, frequentemente marcado pela marginalização das culturas oriundas do Nordeste. A partir dessa problemática, a escolha da Literatura de Cordel surge como um ato provocativo, de resistência e, até mesmo, de enfrentamento. No espaço geográfico e social de Águas Lindas de Goiás, dar visibilidade à cultura nordestina significa também afirmar a diversidade cultural brasileira como elemento essencial para a educação. A cidade, marcada por fluxos migratórios, abriga inúmeras famílias com raízes no Nordeste, realidade que também se reflete nas instituições de ensino. Recordo-me, inclusive, de quando questionei em sala quem possuía descendência nordestina: muitas mãos se levantaram, revelando a força dessas raízes entre nós. Eu mesma, como neta de baiano, me incluo nesse movimento de pertencimento e compreendo que trazer o Cordel para o espaço escolar é transformar a sala de aula em um território de reconhecimento, inclusão e diálogo com a realidade da região.

É um convite que extrapola a sala de aula e muito mais do que um gênero literário ou um recurso didático, o Cordel, nesse contexto, é um ato político de reconhecimento e valorização de uma identidade cultural historicamente subjugada. Ao adentrar o espaço escolar, ele rompe com lógicas excludentes e denuncia os silenciamentos que atingem o povo nordestino, continuamente alvo de preconceitos sociais e disputas ideológicas.

Contudo, a proposta também ultrapassou os limites inicialmente sugeridos pela disciplina e transformou-se em um percurso acadêmico formativo, contínuo e abrangente. A ideia que nasceu como desenvolvimento de uma atividade avaliativa, para a aula-teste, mostrou-se como um ambiente propício para ações e reflexões mais profundas sobre o ensinar, o ser, o pertencer e em como esses aspectos estão interligados e podem ser explorados no ensino. Após essa primeira experiência, marcada pela troca, posicionamentos dos colegas e mais uma vez, pela escuta atenta, fui intensamente afetada por uma mistura de sentimentos. Observar o engajamento dos colegas, perceber o potencial que a Literatura de Cordel tem de mobilizar habilidades diversas e provocar a curiosidade, foram suficientes para despertar o desejo de ampliar esse projeto. A confirmação veio através da fala do professor Antônio, quando exclamou com convicção: “Isso precisa virar um TCC! ”.

Sentir e me apropriar dessas percepções me motivaram a buscar caminhos para consolidar essa proposta de forma mais estruturada. Aos poucos, fui moldando essa ideia, permitindo que amadurecesse naturalmente. Com o tempo, compreendi que o que havia começado como uma experiência pontual, desenvolvida inicialmente como uma atividade avaliativa, poderia se expandir para além dos limites da disciplina, alcançando também a prática pedagógica. Mesmo diante de anseios, desafios e incertezas, percebi que transformar essa experiência em um projeto de TCC não representava apenas a continuidade de uma pesquisa acadêmica, mas a possibilidade de torná-la uma ferramenta de reflexão crítica e de ressignificação da educação, com potencial transformador e de resistência.

A proposta aqui defendida, parte do reconhecimento de que as práticas culturais oriundas das classes populares não apenas expressam formas de vida e pensamentos complexos, mas também constituem fontes de conhecimento e possibilidades didáticas, capazes de enriquecer significativamente os processos educativos. Ao serem incorporadas ao ambiente escolar, pretende-se não apenas enriquecer o processo de ensino-aprendizagem, mas também contribuir para a construção de uma educação mais democrática, dialógica e sintonizada com a realidade dos estudantes.

Ao propor esta investigação, reafirmo o compromisso com uma educação que reconhece o potencial formativo das manifestações populares, rompe com os silenciamentos historicamente impostos às culturas periféricas e aposta no potencial da linguagem poética como caminho para o conhecimento. Este trabalho, portanto, é também uma tentativa de transgressão, afetiva, crítica e pedagógica.

1 INTRODUÇÃO

1.1 A Cultura como processo histórico, social e educativo

A palavra “cultura” tem sua origem no latim, a partir do verbo *colere*, que significa cultivar ou cuidar. Originalmente, esse cultivo estava relacionado à terra (agricultura), às crianças (puericultura) e ao sagrado (culto). Ao longo da história ocidental, esse sentido sofreu transformações. Segundo Marilena Chauí (2009), a partir do século XVIII, a cultura passa a ser associada à ideia de civilização, sendo considerada como um meio de mensurar o nível de evolução das sociedades. Em outras palavras, nesse período, o avanço cultural é sinônimo de desenvolvimento político e científico. No século XIX, essa visão é retomada por pensadores da antropologia, marcando o início de uma abordagem moderna, mas ainda profundamente marcada por parâmetros eurocêntricos e hierarquizantes.

De acordo com José Luiz dos Santos (2006), a cultura é uma dimensão do processo social que permeia toda a vida de uma sociedade, articulando práticas, valores e conhecimentos, o autor destaca que:

Cultura inclui ainda as maneiras como esse conhecimento é expresso por uma sociedade, como é o caso de sua arte, religião, esportes e jogos, tecnologia, ciência, política. O estudo da cultura assim compreendida volta-se para as maneiras pelas quais a realidade que se conhece é codificada por uma sociedade, através de palavras, ideias, doutrinas, teorias, práticas costumeiras e rituais. (Santos, 2006, p. 25)

Essa definição evidencia o caráter abrangente da cultura como elemento estruturante da vida social, expressando-se em múltiplas dimensões do cotidiano e nos modos de simbolizar e compreender o mundo. No entanto, apesar dessa centralidade, nem sempre a cultura é reconhecida como tal nos espaços institucionais. Como aponta o próprio autor, “cultura é com frequência tratada como um resíduo, um conjunto de sobras, resultado da separação de aspectos considerados mais importantes na vida social” (Santos, 2006). Essa perspectiva contribui para a desvalorização de manifestações culturais populares, frequentemente percebidas como inferiores, simplórias ou pouco relevantes no âmbito acadêmico e escolar. No entanto, tais expressões carregam significados profundos, saberes ancestrais, formas de resistência e modos próprios de compreender e atuar no mundo.

Compreender esse processo é fundamental para refletir sobre a cultura no contexto da educação, pois evidencia como ela não é neutra e pode estar carregada de significados históricos, sociais e ideológicos que influenciam diretamente as práticas pedagógicas.

Na mesma direção crítica, Bauman (2012), em *Ensaio sobre o Conceito de Cultura*, questiona o uso cotidiano do termo “cultura”, sobretudo quando este carrega uma carga valorativa associada à instrução formal, ao refinamento e à distinção social. Segundo o autor:

Nós reprovamos uma pessoa que não tenha conseguido corresponder aos padrões do grupo pela ‘falta de cultura’. Enfatizamos repetidas vezes a ‘transmissão da cultura’ como principal função das instituições educacionais. Tendemos a classificar aqueles com quem travamos contato segundo seu nível cultural. Se o distinguimos como uma ‘pessoa culta’, em geral queremos dizer que ele é muito instruído, educado, cortês, requintado acima de seu estado ‘natural’, nobre. Presumimos tacitamente a existência de outros que não possuem nenhum desses atributos. (Bauman, 2012, p.70)

Essas críticas reforçam a necessidade de repensar as formas como a cultura é percebida e trabalhada no ambiente escolar. Foi justamente com o intuito de problematizar essa lógica excludente e promover o reconhecimento dos saberes populares que este trabalho foi idealizado. Ao propor o uso da Literatura de Cordel como recurso didático no ensino, busca-se superar visões que associam cultura popular à informalidade ou à ausência de rigor intelectual.

Esse olhar crítico sobre os processos de exclusão e valorização cultural também é abordado por Durval Muniz de Albuquerque Júnior. Em *A invenção do Nordeste e outras artes* (2018), o autor analisa como determinados intelectuais modernistas procuraram construir uma ideia de cultura nacional a partir de referências nordestinas. Ele explica que Gilberto Freyre distinguia o moderno do modernista: enquanto o moderno implicava uma mudança de forma, o modernista representava a ocidentalização dos costumes e uma tentativa de transformar o Brasil numa extensão da Europa. Para Freyre, a cultura brasileira deveria integrar não apenas o elemento europeu, mas também os elementos extra europeus (Albuquerque Jr., 2018).

Nessa perspectiva, é indispensável compreender a diversidade cultural brasileira como resultado de um longo e conflituoso processo histórico. Darcy Ribeiro (1995) ressalta que a formação do povo brasileiro resulta de um longo processo histórico e descreve esse fenômeno como resultado da fusão entre três matrizes civilizatórias, a indígena, a europeia e a africana,

em um processo marcado por dominação, exploração e resistência. Essa complexa formação étnica deu origem a uma identidade cultural própria, diversa e multifacetada, que se reflete nas práticas sociais, nos valores e nas formas de expressão do nosso país.

Na obra “Conscientização”, Paulo Freire caracteriza a cultura como “todo o resultado da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por transformar e estabelecer diálogo com os outros homens” (Freire, 1979). Para Freire, a cultura, compreendida como uma construção crítica das experiências humanas, é elemento fundamental no processo educativo, pois possibilita que o sujeito se reconheça como agente histórico capaz de transformar a realidade por meio da interação com o meio, com o outro e com o conhecimento. Ainda segundo o autor, “a cultura é também aquisição sistemática da experiência humana, mas uma aquisição crítica e criadora, e não uma justaposição de informações armazenadas na inteligência ou na memória e não ‘incorporadas’ no ser total e na vida plena do homem.” (Freire, 1979). O papel da escola nesse sentido, é criar condições para que os estudantes reconheçam e ressignifiquem suas vivências, estabelecendo vínculos entre seus repertórios culturais e os saberes escolares, favorecendo a formação de sujeitos críticos e socialmente atuantes.

Compreender a cultura como um processo vivo, crítico e incorporado às experiências dos sujeitos exige também o reconhecimento de suas múltiplas expressões, condições históricas, sociais e econômicas. A partir dessa perspectiva, torna-se essencial valorizar as manifestações culturais que emergem do cotidiano, acolhendo-as como formas legítimas de reconhecimento e expressão.

1.2 Cultura Nordestina: História, Música e Oralidade Popular

A trajetória histórica do Nordeste e de seus povos é tecida por uma diversidade de narrativas e perspectivas que foram sendo construídas, reelaboradas e vivenciadas ao longo do tempo. Ignorar essa multiplicidade ao se falar sobre a região, como se ela existisse de forma única ou ainda imutável, é reforçar um padrão recorrente de generalizações constantemente atribuídas às identidades do território e às pessoas que nele vivem.

A esse respeito, Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra *Raízes do Brasil*, afirma que “somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra” (Holanda, 2016, p.39). A frase, embora escrita em outro contexto, revela com clareza uma realidade que ainda persiste: a de uma identidade nacional moldada a partir de influências estrangeiras, que por vezes desconsidera

ou enfraquece as referências culturais locais. No caso do Nordeste, essa tensão se expressa na marginalização histórica de práticas, saberes e linguagens populares, frequentemente desvalorizadas frente a padrões considerados “cultos” ou “universais”.

A imagem do Nordeste como uma região marcada pela pobreza e pelo atraso, construída a partir de discursos hegemônicos, tradicionais e midiáticos, revela-se como uma tática de legitimação de certos poderes e interesses. Essa produção imagética é resultado de uma construção discursiva que reforça uma identidade regional como estereotipada (Albuquerque Jr., 2018).

Os recortes geográficos e históricos são construções humanas, e a região possui uma realidade múltipla: composta por histórias, práticas e costumes diversos. Reconhecer essa multiplicidade é fundamental para escapar das simplificações e valorizar as expressões culturais que resistem e se reinventam ao longo do tempo (Albuquerque Jr., 2018).

Diante desse mosaico de representações e disputas simbólicas, torna-se necessário revisitar as bases que sustentam a construção da cultura nordestina. Superando imagens cristalizadas no senso comum ou nos meios de comunicação, o Nordeste guarda camadas históricas que revelam sua importância na constituição de uma identidade brasileira plural e ímpar. Com base nessa análise, é preciso também compreender que, para além das leituras redutoras, o Nordeste emergiu como um polo formador da identidade nacional. Como destaca Durval Muniz de Albuquerque Júnior, o Nordeste, nesse sentido, surgiria como a região que melhor sintetiza essa brasilidade plural e “não especificamente europeia”. Marcada por tradições vivas das casas-grandes, senzalas, igrejas, sobradões, mocambos e pelos vínculos afetivos entre brancos, negros e indígenas. Assim, caberia à região um papel central na renovação das letras e das artes nacionais, partindo de um “movimento com condições ecológicas próprias” (Albuquerque Jr., 2018).

Dessa forma, discutir a cultura nordestina exige romper com leituras homogêneas e preconceituosas. Trata-se de compreender a riqueza e a complexidade de uma região onde as tradições orais, os modos de vida e os repertórios simbólicos expressam, ao mesmo tempo, resistência e protagonismo na construção do imaginário cultural brasileiro. Essa riqueza, composta por elementos variados, se manifesta na literatura, na música, na religiosidade, na culinária e em tantas outras expressões que fazem da região um território de profunda inventividade cultural.

Berço de grandes nomes da literatura, da poesia e da intelectualidade brasileira, como Clarice Lispector, Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna, Jorge Amado, Patativa do Assaré,

José de Alencar entre tantos outros, o Nordeste contribuiu de forma decisiva para a formação de uma produção artística e literária de alcance nacional e internacional, capaz de dialogar com temas universais, como a identidade, a memória e o pertencimento.

Na dança e na música, manifestações como o frevo, o forró, o maracatu, o xaxado e o coco resistem ao tempo, sobrevivem ao longo das gerações e preservam tradições e sentidos coletivos. É importante destacar que o Nordeste não apenas conservou formas tradicionais, como também contribuiu ativamente para a formação da própria música brasileira moderna. “O Nordeste, como um todo (sobretudo Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará), também desempenhou um papel importante, fornecendo ritmos musicais, formas poéticas e timbres característicos que se incorporaram à esfera musical mais ampla” (Napolitano, 2021).

A partir da difusão de gêneros como o baião, imortalizados por Luiz Gonzaga, a música nordestina ganhou projeção nacional e passou a integrar o imaginário cultural brasileiro. Em suas canções, deu voz aos sentimentos, dores e alegrias de seu povo, traduzindo em melodias e letras outros aspectos da vida no sertão, como a seca, a migração, a religiosidade e os festejos populares. Como lembra Napolitano, “a paisagem sertaneja parecia mais adequada para detectar de base as reivindicações de melhorias, de investimentos, de obras de recursos, de cargos. Ela comovia mais, ela ‘furava as consciências’, ela doía nos olhos e nas mentes, ela abalava os corações mais duros” (Napolitano, 2021).

Além disso, o artista também utilizava sua criação para expressar indignação e denunciar desigualdades. A música de Luiz Gonzaga carrega um forte senso de justiça social, funcionando como uma forma de denúncia e resistência frente às adversidades enfrentadas por parte do povo nordestino. É o que se observa, por exemplo, na composição Vozes da Seca, em que, na terceira estrofe, ele clama:

*Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage
Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage
Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa corage
(Zé Dantas; Luiz Gonzaga, 1953)*

Essa composição, feita em parceria com o médico e letrista Zé Dantas, é um exemplo emblemático de como a cultura popular nordestina vai muito além do entretenimento ou da celebração folclórica: ela também é um instrumento de crítica social. Por meio de versos

simples e acessíveis, a música reivindica dignidade e emancipação de um povo. Isso revela que a cultura popular não é um conjunto de práticas desprovidas de reflexão, tampouco um conceito puramente estético.

Também sob essa perspectiva crítica, o historiador E. P. Thompson chama a atenção para a necessidade de cautela ao utilizar o termo “cultura popular”. Segundo o autor, esse conceito corre o risco de ser esvaziado quando tratado de forma genérica ou desvinculado de contextos históricos específicos. Thompson propõe que a cultura deve ser compreendida a partir de suas particularidades temporais e sociais, evitando definições generalizadas. Além disso, ele oferece uma importante reflexão sobre a dinâmica entre oralidade e escrita na construção cultural, ressaltando que “a cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral” (Thompson, 1994, p. 17).

Essa relação entre oralidade e escrita revela-se essencial na constituição de práticas culturais que resistem ao apagamento e mantêm viva a memória coletiva. Presentes no cotidiano de muitas comunidades, os relatos orais, os brinquedos cantados, as narrativas em versos e os ditos populares configuram-se como verdadeiros patrimônios imateriais, que traduzem modos de viver, interpretar o mundo e aprender com a experiência.

Entre essas expressões, destaca-se a *Literatura de Cordel*, manifestação que sintetiza com maestria essa confluência entre tradição oral, criatividade popular e crítica social. O cordel conserva-se como herança cultural compartilhada, educa, diverte e também politiza. Diante disso, a próxima seção se dedicará a explorar com maior profundidade essa expressão cultural, evidenciando seu potencial pedagógico.

1.3 Literatura de Cordel

A expressão através das palavras possibilita que sentimentos, desejos ou emoções sejam nomeados. A conquista de conceituar o abstrato por meio da fala, conduziu, posteriormente, o desenvolvimento da linguagem escrita, à qual cabe capacidade de eternizar a comunicação de um povo ou grupo. Higounet (2003), afirma que a história da humanidade se divide em dois momentos: antes e depois da escrita.

...] a escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade. Os mais simples traços desenhados pelo homem em pedra ou papel

não dão apenas um meio, eles também encerram e ressuscitam a todo momento o pensamento humano. (Higounet, 2003, p. 9-10).

A escrita, portanto, para além de externar e conservar o pensamento, também o amplia e o ressignifica. Ela transforma vivências orais em registros permanentes, oferecendo um caminho para que memórias sejam preservadas e partilhadas entre gerações.

Nesse sentido, uma das expressões mais autênticas desse poder comunicativo no contexto brasileiro é a Literatura de Cordel, manifestação popular que reúne a oralidade, a poesia e os saberes tradicionais. O gênero se apresenta como fenômeno dos mais singulares e relevantes da cultura do povo nordestino (Lopes, 1982).

A expressão “Literatura de cordel” tem sua origem terminológica na prática portuguesa de pendurar folhetos literários em cordéis, para que fossem expostos e comercializados em feiras ou mercados populares (Santos, 2006). No Brasil, essas publicações foram inicialmente denominadas “literatura de folhetos” ou simplesmente “folhetos”. Foi apenas a partir da década de 1970 que o termo “Literatura de Cordel Nordestina” passou a ser utilizado com mais frequência, sendo consolidado através dos críticos e poetas populares (Abreu, 2006).

O próprio cordel, com sua natureza poética, assume o papel de contar sua trajetória, como exemplificam os versos de Zé Maria de Fortaleza e Arievaldo Viana:

*De onde veio o cordel
Não se sabe exatamente
O cordel de onde veio
Alguns afirmam que os mouros
Lhe serviram de correio
Até a Península Ibérica
E de lá pra o nosso meio.*

*Pois lá na Península Ibérica
Cordão se chama cordel
Onde eram pendurados
As folhinhas de papel
Nascendo assim o nome*

Desta cultura fiel.

(Zé Maria de Fortaleza; Viana, 2010)

A Literatura de Cordel brasileira tem origem portuguesa, especialmente nas narrativas orais e nos romances em versos que compõem o romanceiro ibérico. Ao chegar ao país, encontrou no Nordeste um ambiente propício para se desenvolver, como aponta Galvão:

A Literatura de Cordel faz parte do romanceiro popular do Nordeste e teve sua origem nos romances portugueses em versos, os quais surgiram em sua expressão oral, sendo depois passados para a escrita. Foi nessa região, local de menor letramento e de acesso mais difícil à imprensa, que o Cordel, essas narrativas em versos impressas em papel simples e penduradas num barbante, conhecido como cordel, encontrou terreno mais fértil para se propagar (Galvão, 2001 apud Alves, 2008, p. 104).

E embora tenha matriz lusitana, a Literatura de Cordel foi amplamente ressignificada pelas comunidades nordestinas, ao se estabelecer em solo brasileiro, que se mostrou como um terreno fértil para sua reinvenção. O que chegou como uma forma europeia de produção popular passou por um processo de recriação coletiva, incorporando a oralidade, a musicalidade e os modos próprios de narrar da cultura local (Abreu, 2006).

As apresentações orais de narrativas, poemas, charadas, disputas não são peculiares ao Nordeste brasileiro. [...] No Nordeste, têm grande relevância as cantorias, espetáculos que compreendem a apresentação de poemas e desafios. O estilo característico da literatura de folhetos parece ter iniciado seu processo de definição nesse espaço oral, muito antes que a impressão fosse possível (Abreu, 2006, p. 73-74).

Foi especialmente no Nordeste que essas manifestações ganharam força por meio das cantorias, apresentações marcadas pela recitação de poemas e embates poéticos, os conhecidos “desafios” ou “pelejas” (Abreu, 2006). Esses eventos, no passado, ocorriam tanto em casas-grandes de fazendas quanto em residências urbanas, durante festejos privados, celebrações públicas e feiras populares. Nessas ocasiões, os cordelistas empregavam diversos recursos estilísticos, como o autoelogio, buscando exaltar suas próprias qualidades e superioridade poética, com intuito de calar o oponente. Outro recurso recorrente era a crítica

ao adversário, depreciando e maldizendo sobre seu comportamento, dentre outros atributos pessoais (Abreu, 2006).

Além de um espaço de criação artística, o cordel também assumia, para muitos, uma função econômica. Como observa Veloso (2021):

No Nordeste a poesia é tanto sorriso quanto lágrima, e no seu sal, pode ser uma forma de ganha-pão. Os abundantes exemplos nos repentistas, e na modesta indústria dos folhetos de cordel – a primeira e eficaz forma de autoedição no país. Exemplos de que a poesia é parte do seu meio de ganhar a vida e o dinheiro são bem conhecidos. O menos nítido é a consciência por vezes ironicamente expressa da relação entre a economia e a cultura mostrada pelos próprios poetas populares. (Veloso, 2021, p.16)

Alguns canceiros abandonaram antigos ofícios assim que conseguiram editar e vender seus folhetos (Abreu, 2006). Situação retratada em Versos de Manuel Vieira do Paraíso:

*Ali deixei a enxada
E disse, eu faço é assim:
Eu vou é fazer meus versos
É melhor coisa pra mim
Dei a enxada à ferrugem
E o cabo ao cupim.*

(Manuel Vieira Do Paraíso)

A autora conclui ainda que muitos cordelistas deixaram para trás seus antigos ofícios no campo para se dedicar exclusivamente à poesia, fixando-se em centros urbanos, onde a circulação dos folhetos e o contato com o público eram mais intensos (Abreu, 2006). Esse movimento ilustra não apenas a importância cultural da Literatura de Cordel, mas também seu impacto social e econômico, evidenciando como o gênero se consolidou como um meio acessível de expressão e mobilidade cultural.

A dimensão visual dessa manifestação também foi potencializada com o uso da xilogravura, técnica que passou a compor a estética material dos folhetos de forma marcante.

Considerada uma das primeiras formas de reprodução artística em massa, a xilogravura possibilitou a impressão de imagens de maneira acessível e ampla. Essa inovação

facilitou a democratização do acesso às ilustrações dos folhetos populares, promovendo uma maior circulação de ideias, especialmente no universo da Literatura de Cordel. A xilogravura transformou o processo de produção artística, tornando-o mais acessível e ampliando a tradição oral e visual presente nesse formato literário (Benjamin, 1994).

Seu uso, contudo, teve início por razões práticas e econômicas: tratava-se de uma técnica de baixo custo, acessível aos editores populares que precisavam ilustrar seus folhetos sem recorrer a métodos gráficos mais caros. De acordo com registros históricos, os primeiros traços xilográficos nos cordéis nordestinos datam de setembro de 1907, quando a gravura passou a ilustrar "A História de Antônio Silvino", folheto editado por Francisco das Chagas Rodrigues na Imprensa Industrial do Recife (figura 1). O que começou como uma solução prática transformou-se em marca estética e simbólica, associando a gravura em madeira ao imaginário poético do cordel.

Figura 1: capa do folheto A história de João Silvino



Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Essa trajetória de transformação e alcance revela também uma contradição significativa: um gênero vivenciado no contexto colonial foi, ao longo do tempo, ressignificado pelas camadas populares como instrumento de crítica social, afirmação identitária e resistência simbólica. Nesse sentido, o cordel deixa de ser apenas um resquício de

herança europeia e passa a expressar a força criadora de um povo que reelabora sua própria história, conferindo voz às experiências do cotidiano.

A maior parte dos cordelistas era oriunda da zona rural e possuía pouca ou nenhuma instrução formal (Abreu, 2006). Em sua obra, a autora apresenta observações pontuais sobre a relação entre as composições e os processos de letramento na alfabetização dos cancioneiros, destacando, por exemplo, o caso de Francisco das Chagas Batista, que já havia publicado seus folhetos antes mesmo de frequentar uma escola noturna. Outro exemplo citado é o de João Martins de Athayde, que aprendeu a ler de forma autodidata. A estrutura métrica do cordel, tradicionalmente organizada em sextilhas, aliada à musicalidade e à memorização facilitada dos versos, contribuía para a ampla difusão dessa forma de expressão, mesmo entre aqueles com baixa escolarização (Abreu, 2006).

Esse panorama nos convida a refletir sobre a natureza inclusiva da Literatura de Cordel, contemplando grupos historicamente excluídos dos espaços de ensino escolar. Mesmo com limitações no acesso à leitura e à escrita convencional, muitos poetas e ouvintes participavam ativamente da criação, circulação e interpretação dos folhetos. Assim, o cordel não apenas democratizava o saber, mas também valorizava modos próprios de produção e transmissão de conhecimento, fundada na oralidade, na memória coletiva e na experiência vivida.

É justamente a partir dessas reflexões que se torna possível pensar a Educação sob uma perspectiva ampliada, acolhedora das diversas formas de expressão e construção de conhecimento, sensível às realidades vividas por estudantes e comunidades, aberta à valorização de outras epistemologias e comprometida com práticas educativas que promovam a autonomia e o pensamento crítico. A experiência do cordel nos mostra que é possível aprender e ensinar fora dos moldes tradicionais, reconhecendo que o conhecimento pode emergir da oralidade, da vivência cotidiana e das trocas culturais, sem abrir mão do direito à escolarização emancipadora. A próxima seção, portanto, será dedicada à discussão da Educação como um processo formativo integral, composto pela cultura, pelo território e pelas condições concretas de existência dos sujeitos.

1.4 Educação Contextualizada e Integração de saberes

A Educação, compreendida como prática social transformadora, não pode ser desvinculada do contexto histórico, social e cultural em que se insere. Ao considerar os sujeitos como protagonistas de seus próprios processos de aprendizagem, é necessário adotar

uma abordagem que vá além da mera transmissão de conteúdos, e que favoreça a construção crítica do conhecimento (Freire, 1981). Nesse sentido, os pressupostos freirianos oferecem uma base teórica fundamental para refletir sobre práticas pedagógicas emancipadoras, especialmente no que diz respeito ao papel do educador e à formação da consciência crítica nos estudantes. É a partir dessa perspectiva que Paulo Freire afirma:

A criticidade para nós implica na apropriação crescente pelo homem de sua posição no contexto. Implica na sua inserção, na sua integração, na representação objetiva da realidade. Daí a conscientização ser o desenvolvimento da tomada de consciência. Não será, por isso mesmo, algo apenas resultante das modificações econômicas, por grandes e importantes que sejam. A criticidade, como a entendemos, há de resultar de trabalho pedagógico crítico, apoiado em condições históricas propícias (Freire, 1981, p. 61)

Trata-se de uma perspectiva que compreende a escola como espaço de escuta, interação, produção e crescimento compartilhados, pois dessa forma, o processo educativo se ancora nas vivências concretas dos educandos.

Nesse cenário, o ensino ganha novas conformações ao ser articulado com práticas interdisciplinares que ampliam os horizontes de aprendizagem. A utilização da Literatura de Cordel, por exemplo, revela-se não apenas como um recurso didático alternativo, mas como instrumento mobilizador de sentidos, capaz de conectar o conteúdo científico aos saberes populares, promovendo a reflexão crítica sobre o mundo.

A valorização pedagógica da Literatura de Cordel ganha maior projeção a partir da publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de 1997, que reconheceram o cordel como um gênero discursivo apropriado para o trabalho com a linguagem escrita e a linguagem oral, no Ensino Fundamental. O Caderno de Linguagens do Ensino Médio também traz orientações relevantes, ao destacar a importância de respeitar e preservar as diversas manifestações da linguagem utilizadas por diferentes grupos sociais, sem hierarquizá-las, reconhecendo-as como expressões simbólicas legítimas da diversidade cultural e histórica (Brasil, 2000).

Esse reconhecimento institucional promoveu o interesse de educadores pela inserção do cordel nas práticas escolares, ainda que, naquele momento, houvesse escassez de materiais didáticos voltados especificamente para essa proposta. Com o tempo, esse movimento impulsionou a produção de estudos e recursos pedagógicos que exploram a contribuição do cordel na formação da competência leitora e escritora dos estudantes (Iphan, 2018).

Entre as iniciativas pioneiras, destaca-se a proposta dos professores Hélder Pinheiro e Ana Cristina Marinho, que, em 2001, sugeriram a inclusão da Literatura de Cordel no Ensino Básico com ênfase em sua dimensão estética e poética. No livro *Cordel na sala de aula* (figura 2), os autores argumentam que o cordel não deve ser explorado apenas como fonte de informação histórica, mas como forma artística capaz de despertar a sensibilidade e o prazer estético nos estudantes (Pinheiro, 2001).

Figura 2: livro *Cordel na sala de aula*



Fonte: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)

Suas orientações metodológicas envolvem práticas como leitura em voz alta, debates, dramatizações, análise de xilogravuras, feiras literárias e a produção de poemas e ilustrações pelos próprios alunos, sempre com foco na valorização dos saberes culturais e na ampliação da experiência estética na escola.

Outras contribuições também têm reforçado a relevância da Literatura de Cordel no contexto escolar. A obra *Acorda Cordel na Sala de Aula: a Literatura Popular como ferramenta auxiliar na Educação*, do cordelista Arievaldo Viana, constitui-se também como um marco significativo nesse percurso. Fruto de experiências vividas em oficinas educativas no Ceará, o autor propõe o uso da poesia popular como ferramenta pedagógica interdisciplinar, apresentando um material didático completo com folhetos clássicos, propostas de atividades, orientações para produção de cordéis em sala de aula e um CD com

declamações. O autor evidencia o valor do cordel como elo entre o saber escolar e a vivência cotidiana dos estudantes, chegando a atribuir o termo “Professor Folheto” às produções cordelistas por seu caráter formativo. Para Viana, “o cordel é uma excelente ferramenta para ser utilizada na sala de aula, tanto na alfabetização de crianças, quanto de jovens e adultos” (Viana, 2010,).

No campo das Ciências da Natureza, a Literatura de Cordel também tem se mostrado como um recurso expressivo e eficaz para o ensino de conteúdos específicos, especialmente no que se refere à Biologia e suas múltiplas interfaces com a cultura popular. Um exemplo significativo é a obra *Anatomia Vegetal em Cordel*, de Francisco Eudes de Sousa e Jesus Rodrigues de Lemos, que apresenta os conceitos de citologia e histologia vegetal por meio de versos rimados, permitindo aos estudantes uma aproximação mais lúdica, acessível e sensível com os conteúdos da Botânica (figura 3).

Figura 3: livro *Anatomia Vegetal em Cordel*



Fonte: SOUSA, F. E.; LEMOS, J. R. *Anatomia Vegetal em Cordel: Volume I – Células e tecidos vegetais*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/381408228_Anatomia_Vegetal_em_Cordel_Volume_I_-_Celulas_e_tecidos_vegetais.

Mais do que uma alternativa metodológica, esse tipo de prática reafirma uma concepção pedagógica ancorada no cotidiano e nas experiências vividas no contexto escolar. Ao propor uma educação enraizada no contexto sociocultural dos alunos e comprometida com a construção de sentido e identidade, esse tipo de abordagem dialoga com os princípios

defendidos por Paulo Freire. Como afirma o autor, “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”, o que pressupõe uma postura atenta e dialógica e a valorização das diferentes formas de expressão cultural e linguística (Freire, 1996). Assim, estratégias metodológicas que incorporam o cordel, a música, a oralidade e outras linguagens populares ganham destaque como estratégias potentes para a formação integral dos estudantes.

Nesse mesmo horizonte, outros autores também defendem a importância de abordagens de ensino que reconheçam o valor da cultura como eixo estruturante da aprendizagem. Para Gadotti “a educação multicultural pretende reformar a relação entre educação e vida, entre os objetivos e a finalidade da educação” (Gadotti, 2009). Isso significa que o conhecimento só ganha sentido quando vinculado à realidade e à história de existência daqueles que aprendem e ensinam.

Ampliando essa perspectiva, a interdisciplinaridade emerge como um dos pilares para a construção de propostas pedagógicas integradoras, ao buscar superar a fragmentação do saber e promover a articulação entre diferentes campos do conhecimento. Trata-se de mais do que uma técnica de ensino: é uma postura ética e epistêmica diante da complexidade da realidade. Como afirma Ivani Fazenda, “a interdisciplinaridade decorre mais do encontro entre indivíduos do que entre disciplinas”, destacando que esse movimento exige respeito aos percursos formativos de cada um e à construção coletiva do conhecimento (Fazenda, 2003).

Ao permitir que conteúdos tradicionalmente isolados possam dialogar em práticas educativas integradas, a interdisciplinaridade contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, amplia as formas de escuta e promove a articulação entre diferentes modos de compreender o mundo.

É nesse cenário que se insere a proposta de sequência didática apresentada a seguir. Inspirada nos princípios da interdisciplinaridade e da educação emancipadora, a atividade busca integrar os conteúdos da Botânica com a expressividade poética do cordel, promovendo uma aprendizagem contextualizada e criativa.

1.5 Sequência Didática

No âmbito das metodologias de ensino, as Sequências Didáticas (SD) vêm ganhando reconhecimento devido à sua potencialidade em auxiliar, organizar e orientar a ação pedagógica, que de forma planejada, promovem a continuidade e a conexão entre as etapas do processo de ensino- aprendizagem.

É o que diz Zabala (1998), quando coloca que “sequências didáticas, são uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática”. Essa perspectiva se diferencia ao enfatizar a importância da organização sistemática do fazer pedagógico, que se estrutura sobre os eixos do planejamento, da execução e da avaliação como etapas integradas, em um processo contínuo, no qual cada atividade possui uma função específica dentro do conjunto. Uma SD é estruturada de uma forma em que as atividades que a compõem estão interconectadas, ou seja, não teremos aqui uma simples soma de atividades isoladas ou ainda rupturas entre as partes. Esse planejamento visa facilitar a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades de forma progressiva.

Ao longo do desenvolvimento desse estudo, a construção das sequências didáticas teve como eixo estruturante o uso da Literatura de Cordel, abrangendo também, outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a linguagem e a comunicação, através de atividades de leitura, escrita e apreciação de produções cordelistas (figura). Uma das obras utilizadas foi *Cordel para o Ensino de Botânica* (2020).

Figura 4: livro Cordel para o Ensino de Botânica



Fonte: Oliveira, R. L. C. de; Cavalcante, W. A. *Cordel para o Ensino de Botânica*. Disponível em: https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/pt_BR/catalog/book/32.

Partindo de atividades de diferentes níveis de complexidade, buscou-se promover uma aprendizagem gradual e contextualizada, na qual os alunos pudessem assimilar os conteúdos

de forma integrada, refletindo os princípios de que a organização e a articulação das etapas são essenciais para a construção do conhecimento.

Embora me refira a “sequências didáticas”, trata-se, na realidade, de uma sequência que passou por três versões ao longo de seu processo de aplicação. As adaptações realizadas decorreram de reflexões e das necessidades identificadas em cada contexto em que foram aplicadas.

A primeira versão foi realizada como aula-teste, em um ambiente de formação acadêmica, com o objetivo de experimentar a proposta e refletir sobre suas potencialidades pedagógicas. Na segunda etapa, direcionada a uma turma do ensino médio, alguns conteúdos da proposta inicial foram suprimidos para adequação ao tempo disponível e às características da classe, priorizando os aspectos essenciais do planejamento. Já em seu terceiro formato, também voltada aos estudantes do ensino médio, a sequência foi revisada e ampliada, com a inclusão de novas etapas e estratégias que aprofundaram os conteúdos da botânica e promoveram uma maior integração entre a teoria e a prática. Foi observado que a assimilação dos conceitos se revelou mais consistente durante o desenvolvimento realizado no estágio, favorecida pelo maior tempo de execução e pela possibilidade de desdobrar a proposta em diferentes momentos de aprendizagem. Essa última versão buscou intensificar a participação dos alunos nas práticas experimentais, e o maior número de aulas disponíveis permitiu uma ampliação significativa da abordagem botânica, tornando-a mais dinâmica e investigativa. Dessa forma, cada etapa do processo contribuiu para o amadurecimento da proposta, permitindo sua ressignificação e aperfeiçoamento ao longo do percurso formativo.

Como dito, a experiência com a construção e o desenvolvimento da sequência didática demandou revisões e reformulações ao longo do processo. Essa postura de visitar e adequar o planejamento, adaptar estratégias e integrar novas possibilidades conforme os contextos vivenciados, reforça a compreensão de que o trabalho docente é uma prática complexa, que vai além da simples execução de conteúdos (Zabala, 2014). É um fazer e refazer contínuo, que exige atenção às especificidades dos estudantes, análise crítica das situações de ensino e disposição para a mudança:

Os docentes, independentemente do nível em que trabalhem, são profissionais que devem diagnosticar o contexto de trabalho, tomar decisões, atuar e avaliar a pertinência das atuações, a fim de reconduzi-las no sentido adequado. Se não se aceita que a função docente implica essas e outras atribuições igualmente complexas, o discurso que se vai construindo nas páginas seguintes será totalmente incompreensível (Zabala, 2014, p. 11).

É importante enfatizar que parte dos ajustes nas apresentações da proposta também se deram em função do tempo disponível ou período reservado para sua realização. A aula-teste ocorreu em parte do horário da disciplina de Metodologias do Ensino de Ciências e Biologia, momento em que outros colegas também fizeram suas apresentações.

No segundo momento, a sequência foi desenvolvida no formato de oficina, como um minicurso, desenvolvido na Prática como Componente Curricular IV (PCC IV) do 6º período. A PCC é uma etapa que visa articular teoria e prática no processo formativo, abordando a cada semestre um tema específico, com a participação de todos os estudantes do curso de Ciências Biológicas. Para alinhar a sequência ao tema atribuído à PCC, focamos na oficina e produção de isogravuras, técnica adaptada a partir da xilogravura, que utiliza o isopor como matriz para criação de desenhos que posteriormente são aplicados em papel ou até mesmo em outras superfícies. A sugestão de desenvolver a sequência nesse contexto partiu do professor Antônio e, após apresentar a proposta ao meu grupo, a ideia foi prontamente acolhida. Para esse momento, foram preparadas atividades práticas que incentivassem a criatividade dos alunos e integraram aspectos artísticos à compreensão dos conteúdos científicos, proporcionando uma experiência de aprendizagem mais dinâmica e interdisciplinar.

A terceira adaptação foi desenvolvida ao longo de quatro aulas, durante o Estágio Supervisionado III, na escola em que atuo: Centro de Período Integral Juscelino Kubitschek de Oliveira (CEPI JK). As atividades ocorreram na grade horária das Disciplinas Eletivas, que são parte integrante dos Itinerários Formativos e de acordo com o Documento Curricular Goiás - Etapa Ensino médio (DC-GOEM 2021), se configuram como componentes curriculares voltados, prioritariamente, para abordagens interdisciplinares e uso de metodologias não convencionais.

A execução da proposta contemplou quatro momentos distintos, organizados com base nos princípios do planejamento pedagógico por etapas interligadas: definição de objetivos, seleção de conteúdos, adoção de metodologias ativas, uso de recursos didáticos variados, adequação ao contexto escolar e realização de momentos de avaliação diagnóstica e formativa. Embora tenham sido priorizados instrumentos qualitativos de avaliação, baseados em observações e escutas atentas, reconhece-se que a inclusão de instrumentos diagnósticos quantitativos em futuros desdobramentos poderá enriquecer a análise. Atividades escritas já previstas podem contribuir com dados objetivos que dialoguem com as observações qualitativas, ampliando a compreensão sobre a aprendizagem dos estudantes. O objetivo principal foi promover a aprendizagem dos conteúdos de Botânica, com ênfase na morfologia

floral e nas interações ecológicas, por meio de uma abordagem interdisciplinar que integra conhecimentos científicos, linguagem visual e elementos da cultura nordestina.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Explorar como a Literatura de Cordel pode ser uma estratégia no processo de ensino-aprendizagem, promovendo o resgate e a valorização dos saberes populares.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar as contribuições da Literatura de Cordel utilizada como recurso didático voltado para o ensino de Biologia, com especial dedicação à Botânica.
- Analisar o uso de Sequências Didáticas interdisciplinares como ferramenta de aprendizagem.
- Estimular a percepção de pertencimento dos estudantes à cultura nordestina, por meio da Literatura de Cordel, incentivando a identificação dos alunos como sujeitos históricos e culturais integrantes dessa realidade.
- Promover experiências práticas no ensino de Biologia que mobilizem a autonomia investigativa e favoreçam a aprendizagem ativa e contextualizada dos conteúdos botânicos.

3 METODOLOGIA

Este trabalho possui natureza descritiva e interpretativa, voltada à análise das potencialidades pedagógicas da Literatura de Cordel integrada ao ensino de Biologia. A proposta utiliza uma sequência didática interdisciplinar, fundamentada na Literatura de Cordel, sendo compreendida não apenas como recurso pedagógico ou gênero literário, mas como um elemento cultural capaz de dialogar com as identidades regionais, transitar por diferentes linguagens e estabelecer uma ponte com os saberes dos estudantes. Por meio dessa abordagem, buscou-se estimular o pensamento crítico, ampliar as possibilidades de “leitura de mundo” e fortalecer vínculos afetivos e simbólicos dos estudantes com suas origens, promovendo o reconhecimento de si e do outro no espaço escolar. O estudo busca também integrar conteúdos da Botânica, com expressões artísticas e linguísticas populares, favorecendo um processo de ensino-aprendizagem contextualizado e sensível à diversidade cultural.

A sequência foi planejada, aplicada e analisada em diferentes contextos educativos e, para isso, passou por adequações. A interpretação dos resultados ocorreu por meio da mensuração de múltiplas fontes: através da observação dos participantes, do registro das produções dos alunos, da escuta ativa em sala e também avaliação escrita, cujos resultados auxiliaram na compreensão do alcance formativo da proposta.

3.1 Floresce um Saber em cordel: A concepção de uma Sequência Didática

A ideia da sequência didática envolvendo a Literatura de Cordel foi concebida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Campus Águas Lindas, e teve sua escolha temática motivada por inspirações surgidas em sala, momentos que vivenciei durante o curso, especialmente a partir de uma fala do professor Antônio Cláudio de Araújo Jr. Em uma de suas aulas, ele afirmou que, para ser professor, é preciso compreender que no exercício da docência, será sempre um professor de leitura. Em um primeiro momento,

interpretei essa afirmação apenas em seu sentido literal. No entanto, em uma conversa posterior, o professor me explicou que a ideia também dizia respeito à leitura de mundo, ou seja, à compreensão de que a prática docente deve favorecer no aluno a capacidade de interpretar criticamente a realidade que o cerca.

Essa frase permaneceu em minha memória e me afetou de tal maneira, que de imediato compreendi que todo o fazer pedagógico deve ter como premissa essa busca. A frase ressaltava a importância do papel docente na mediação dessa leitura do mundo pelos estudantes, evocando a relação entre educação e a trajetória pessoal e coletiva. Essa perspectiva despertou o interesse em explorar a Literatura de Cordel como ponte entre os saberes científicos e a cultura popular, dando origem à proposta de uma sequência didática que unisse ciência, arte e identidade cultural.

Desde a primeira versão do planejamento para a sequência didática, houve a intenção em fundamentar a aula-teste de acordo com os principais documentos que orientam a educação brasileira. Para isso, utilizei como referência inicial a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um instrumento normativo que direciona as redes de ensino, tanto públicas quanto privadas, em todo o país.

Na BNCC, busquei por tópicos que contemplassem conteúdos da Biologia e que também abraçassem temas transversais, como a valorização de identidades culturais e, já no texto introdutório do caderno de Ciências da Natureza, é possível identificar a preocupação em garantir que o ensino dessa área tenha compromisso com o letramento científico e, para além disso, assegure aos alunos a oportunidade de desenvolver um olhar multifacetado sobre o mundo. O objetivo é promover não apenas a compreensão de conceitos ou procedimentos científicos, mas também o desenvolvimento de uma postura crítica, ética e responsável frente às questões que compõem a nossa sociedade, perpassando pelo mundo natural, social e tecnológico (Brasil, 2018).

O documento também faz referência à importância de se compreender a relação entre Ciência, Sociedade e Meio Ambiente, reforçando que o conhecimento científico deve ser utilizado de forma responsável, promovendo ações que contribuam para a sustentabilidade e o bem-estar coletivo (Brasil, 2018). Essa perspectiva explora a necessidade de envolver os estudantes em atividades que estimulem a reflexão sobre os impactos de suas ações, propiciando uma formação cidadã que valorize tanto o saber técnico quanto o compromisso ético com o mundo em que vivem.

Partindo desses princípios a proposta buscou integrar conteúdos curriculares e vivências que despertassem o interesse dos alunos, favorecendo sua participação ativa nas aulas e ampliando os sentidos atribuídos ao que foi aprendido. A escolha de uma abordagem que envolvesse elementos culturais, combinada ao uso de linguagens acessíveis e expressivas, teve como objetivo ampliar a capacidade de análise crítica dos estudantes, promovendo também uma maior participação e engajamento com os temas explorados.

Essa interação também possui função diagnóstica, pois através das respostas obtidas, pude verificar o que a turma apresentava de bagagem em relação ao conteúdo proposto. Levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos, é uma condição indispensável para estabelecer vínculos entre o que eles já conhecem e os novos conteúdos. Para isso, é necessário gerar um ambiente em que seja possível que os alunos expressem suas próprias ideias, fazendo perguntas e comentários, o que permite ao professor compreender seu nível de compreensão e suas necessidades de aprendizagem (Zabala, 2014).

Considerar essas respostas iniciais permite ao docente ajustar sua prática com mais precisão, oferecendo suporte adequado às demandas do grupo e selecionando estratégias mais compatíveis com o perfil da turma e da comunidade escolar. Além disso, esse momento inicial contribui para criar um clima no qual os estudantes se sentem autorizados a participar e a construir, junto com o professor, o percurso da aprendizagem.

Essas etapas estabelecem uma sequência lógica que favorece a construção do conhecimento de forma ativa, integrada e contextualizada.

3.2 E no início era um Cordel, a aula-teste que semeou a poesia na prática docente

Ao articular conteúdos de Biologia e letramento científico com temas transversais como identidade cultural e sustentabilidade, a proposta contribui para o fortalecimento de competências gerais como o pensamento crítico, o repertório cultural, a responsabilidade e a argumentação ética. No campo das Ciências da Natureza, promove a valorização dos saberes tradicionais e científicos, e a compreensão da ciência como construção histórica e cultural. Além disso, estimula o uso de diferentes linguagens para comunicar ideias e descrever fenômenos naturais. Reconhecer a pluralidade cultural e construir um espaço de diálogo e troca em sala de aula, favorece e viabiliza a aquisição e desenvolvimento dessas habilidades.

Assim, a aula-teste buscou, por meio da poesia do Cordel, tornar esses conceitos mais acessíveis, instigantes e palpáveis.

A dinâmica da apresentação estruturou-se em momentos diversificados e lúdicos. Essa também foi uma parte à qual decidi, com muita convicção, dedicar atenção: o deleite da brincadeira, a busca pelo encantamento e a interação livre entre os colegas para expressarem sua criatividade de forma coletiva. A brincadeira aqui foi representada pela criação de um ambiente sensorial e temático, por meio do uso de objetos característicos, músicas e, inclusive pela escolha do nome da sequência didática, intitulada *Cordel Encantado*.

Como estratégia de imersão no universo do Cordel, adentrei à sala de aula utilizando um chapéu Lampião (também chamado de chapéu de cangaceiro), um símbolo emblemático da indumentária do cangaço. Para complementar o cenário, foi escolhida a música de Gilberto Gil, *Minha Princesa*, com a participação da intérprete Roberta de Sá. A canção foi tema de abertura da novela Cordel Encantado (2011), da Rede Globo¹. A obra audiovisual apresenta inspiração em lendas heróicas, cuja estética visual também serviu de inspiração para nomear a sequência didática desenvolvida.

A ambientação sonora foi cuidadosamente selecionada com o intuito de despertar nos participantes uma conexão sensível e simbólica com o universo nordestino, evocando memórias e referências culturais que pudessem reforçar a proposta da atividade. Ao combinar elementos visuais, musicais e simbólicos, buscou-se criar um espaço de aprendizagem envolvente, que despertasse a curiosidade desde os primeiros instantes da aula.

A música é reconhecida como uma linguagem artística importante, cuja expressividade se dá através da combinação intencional entre som e silêncio, permitindo a comunicação de emoções, ideias e experiências humanas. (Brasil, 1998). Ao ser inserida na sala de aula, ela adquire caráter multifuncional, pois muito além de um recurso pedagógico complementar, contribui para o desenvolvimento de um ambiente receptivo, acolhedor e um espaço de identificação, potencializando a formação de um vínculo entre o indivíduo, seus pares e o que está sendo proposto.

A partir de uma imagem extraída do clipe de abertura da novela (figura 5), uma leitura coletiva da cena foi realizada, por meio de perguntas disparadoras, como “Quais os elementos não-vivos podemos observar nas imagens?”, “Quais os seres vivos representados?” e “Qual o tipo de relação entre eles?”, conduzi o diálogo de modo a estimular a observação atenta e o interesse. As interações foram organizadas para que os meus colegas, de forma gradual,

¹ Canção Minha Princesa, de Gilberto Gil. Tema de abertura da novela Cordel Encantado, disponível em <https://youtu.be/9IMiOxcIZT4?si=kSQikXIE-K4IO7q2>

percebessem a vegetação retratada na imagem, refletissem sobre suas características e pudessem, a partir desse ponto, explorar conteúdos relacionados à Botânica de forma contextualizada.

Figura 5: vídeo da abertura da novela



Fonte: Slide autoral, com imagem de Rede Globo Comunicações e Participações S.A

Quando mencionaram "plantas", o momento foi propício para aprofundar a discussão, com questionamentos como: que tipo de vegetação estava representada, quais suas principais características morfológicas e onde eles acreditavam que aquela cena poderia estar representada, em qual região do nosso país. Em seguida, a atenção foi direcionada para outros elementos estéticos da imagem, comentando sobre a técnica artística utilizada na ilustração (a xilogravura), destacando sua presença ligada à Literatura de Cordel. A partir disso, evidenciei o Cordel, falando sobre suas origens e suas características enquanto manifestação popular. Para aprofundar essa proposta, foi apresentado um cordel específico (figura 6), com o objetivo de usar seus versos como fio condutor da sequência de slides que seriam exibidos em seguida. O cordel foi retirado de um livreto publicado pela Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica, da Prefeitura de Belo Horizonte.

Figura 6: Slide com cordel Mandacaru

Ilustração Diego
Obra: O Cordel Das Plantas

Autores: Ana Paula Ribeiro Romanizio
Arthur Leonel Vaz Silva

Mandacaru (*Cereus jamacaru*)

Sou nativo do Brasil,
adaptado ao semiárido.
Conhecido como cardeiro,
pareço um candelabro!

Faço cerca,
não faço sombra ao longo do caminho
E tenho ótima defesa,
pois minhas folhas são espinhos.
Pessoas não utilizam meus frutos

Fonte: Slide autoral, com imagens da obra O Cordel das Plantas

A leitura do texto poético serviu de base para discutir o significado de algumas palavras, explorar o simbolismo do mandacaru, que é uma planta comum no semiárido nordestino e compreender sua associação ao período chuvoso, ou seja, provocará reflexão sobre sua representatividade para o sertanejo

A partir desse cordel, apresentei também a música de Luís Gonzaga e Zé Dantas, Xote das meninas².

O Xote das Meninas

Mandacaru, quando fulorá na seca

É o sinal que a chuva chega no sertão

Toda menina que enjoa da boneca

É sinal que o amor já chegou no coração

Meia comprida, não quer mais vestir timão

[...]

Mas o doutor nem examina

Chamando o pai de lado

Lhe diz logo em surdina

Que o mal é da idade

É que pra tal menina

Não há um só remédio

Em toda medicina

[...]

(Zé Dantas; Luiz Gonzaga, 1953)

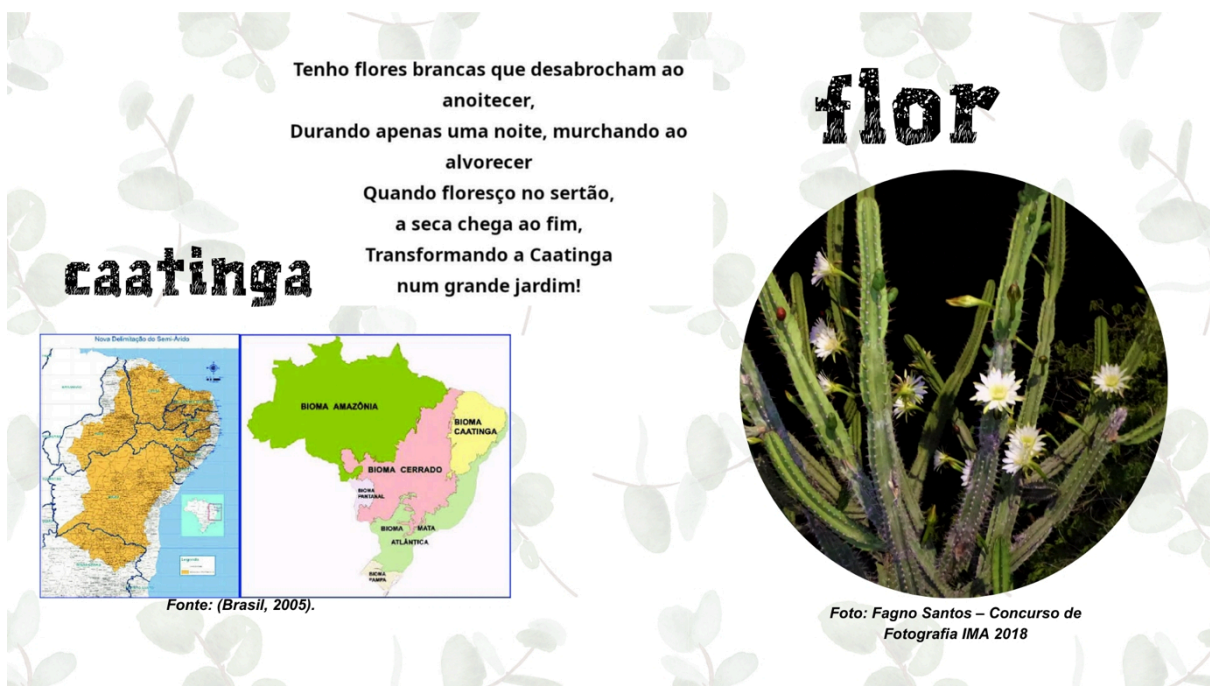
Neste momento, a ponte entre a música e o conteúdo seguinte foi estabelecida principalmente a partir dos versos “Toda menina que enjoa da boneca” e “Que o mal é da idade”. Foram utilizados esses trechos para trazer uma analogia entre as fases de desenvolvimento humano e os estágios do ciclo de vida das plantas. Por meio da análise dos versos e perguntas motivadoras, os colegas puderam identificar que as transformações

² Canção disponível em <https://youtu.be/iRv9q0kmJpg?si=Rec8VVEKSec7Gnfa>

ocorridas na transição da infância para a adolescência estão diretamente relacionadas à ação dos hormônios. Essa percepção foi aproveitada para introduzir a ideia de que, assim como nós, seres humanos, as plantas também possuem vários processos de desenvolvimento e crescimento regulados por hormônios. Nesse contexto, a giberelina foi utilizada como exemplo, por seu papel no desencadeamento da floração.

Seguindo o fio do tema “floração”, voltamos a atenção para a Literatura de Cordel, propondo a leitura e discussão de mais um trecho da composição (figura 7). Analisando os versos, foi explorada a relação do mandacaru com os ciclos naturais da Caatinga. Destacamos o caráter efêmero das flores, que desabrocham ao anoitecer e murcham ao amanhecer, e o modo como esse fenômeno sinaliza o fim da seca e o início do período chuvoso, transformando o sertão em um “grande jardim”. Esse momento foi oportuno para retomar conteúdos botânicos relacionados à reprodução das angiospermas e às adaptações das plantas da Caatinga ao clima semiárido.

Figura 7: slide – Floração, Semiárido e Caatinga



Fonte: Slide de autoral, conferido com imagens de Fagno Santos e do Instituto Nacional do Semiárido (INSA).

Após a leitura e interpretação dos versos, o interesse gerado pelo mecanismo de floração do mandacaru foi aproveitado para direcionar o olhar da turma ao aspecto morfológico das flores e discutir aspectos ecológicos do bioma. Trouxemos para o debate os

polinizadores do mandacaru, evidenciando a importância da fauna da região, pois a espécie depende de agentes específicos, como morcegos e mariposas (Zappi, 1994). Discutimos a relação entre os hábitos noturnos desses animais e o período de floração da planta.

Concluída a exploração das estruturas florais, o eixo temático da aula foi novamente abordado com a referência da presença marcante da xilogravura na Literatura de Cordel, tanto na composição visual dos folhetos quanto em sua função simbólica e comunicativa.

A partir dessa contextualização, foi proposta aos colegas a realização de uma atividade prática: a criação de uma “isogravura”, que é uma versão adaptada da técnica tradicional, feita com isopor em vez de madeira (figura 8).

Figura 8: Matriizes construídas no isopor



Fonte: Acervo pessoal (2025).

A receptividade da atividade foi muito boa e essa etapa teve como objetivo promover a expressão artística dos participantes, incentivando-os a representar, por meio da isogravura, os elementos botânicos discutidos durante a aula ou inspirações pessoais.

3.3 Isogravura e Cordel no IF: ramificações que reinventam a proposta

Uma outra oportunidade de levar a ideia para a sala de aula, se deu no contexto das Práticas Como Componente Curricular (PCC). Nosso grupo aplicou a sequência como uma das atividades deste componente, tendo em vista que a proposta do semestre previa o desenvolvimento de uma oficina. Essa aula conduzida coletivamente, em parceria com colegas da minha turma. Desse modo, a proposta também assumiu características próprias desse formato. A atividade foi realizada no Instituto Federal de Goiás (IFG), Campus Águas Lindas, em uma turma do segundo ano do Ensino Médio, durante uma das aulas ministradas pelo professor Fernando Campos de Assis Fonseca.

Dessa vez, o foco esteve voltado para a experimentação prática e a produção de materiais visuais e artísticos. O produto final previsto incluiu a confecção de isogravuras e a montagem de um mural com as produções, exposto no espaço do campus.

Desenvolvida em uma aula dupla, a oficina teve início com uma breve conversa inicial, em que foram apresentadas as etapas que seriam desenvolvidas no decorrer das aulas. Em seguida, foram exibidos vídeos com intuito de despertar o interesse dos estudantes para os temas que seriam abordados. Entre os recursos utilizados, destacou-se o videoclipe de abertura da novela Cordel Encantado (2011), da Rede Globo, já citado anteriormente neste trabalho. Após a exibição, promoveu-se uma discussão com a turma, por meio de uma leitura de imagens, a fim de estimular a percepção crítica dos alunos sobre os elementos da paisagem e do ambiente ali representados, especificamente, a vegetação retratada em cena. Desta forma, foram feitas perguntas com o objetivo de mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos e, ao mesmo tempo, permitir que a própria turma “descobrisse” gradualmente o conteúdo central da aula. A partir dessas interações iniciais, foram então apresentados os slides que enfatizavam as estruturas botânicas.

Buscou-se evidenciar essa percepção durante a apresentação: ao escutarem canções e analisarem obras literárias e visuais que remetem à flora nordestina, os estudantes puderam perceber o quanto os elementos naturais, como o mandacaru, ocupam lugar de destaque na produção simbólica nordestina.

Essa primeira etapa da aula foi conduzida de forma expositivo-dialogada, com a participação da turma. Os alunos demonstraram envolvimento, sobretudo em relação às “curiosidades” relacionadas ao bioma Caatinga. Durante a conversa, surgiram perguntas

como: “Existem animais que se alimentam de cactos?”. Essa dúvida abriu espaço para um momento de aprofundamento não planejado, porém, enriquecedor, no qual foram discutidas relações ecológicas, adaptações alimentares e estratégias morfofisiológicas de plantas e animais. Apresentou-se, por exemplo, o caso do veado-catingueiro e do carcará, que consomem partes de cactáceas como o mandacaru, mesmo diante da presença de espinhos. Estabelecendo comparações com outros biomas, foi exemplificado também o caso das girafas, que costumam se alimentar de árvores espinhosas, como as acácias, graças a adaptações anatômicas específicas. Essa conexão entre diferentes ecossistemas e seres vivos ampliou o repertório da aula e propiciou um compartilhamento mais contextualizado.

A Literatura de Cordel esteve presente compondo a ambientação ao longo da aula, inserida em diversos slides e passagens do encontro. Em sua maioria, os versos abordavam diretamente os conceitos científicos, em outros, os trechos poéticos e rimados serviam como recursos para reforçar aspectos culturais e simbólicos relacionados à flora nordestina ou aspectos fundamentais da Botânica.

Além dos textos projetados, os alunos receberam folhetos impressos de cordel, cujas temáticas tratavam de temas como o sertão, o clima, a fauna e a flora. Esses materiais serviram tanto como apoio às atividades de leitura e interpretação quanto como inspiração e ponto de partida para a produção artística que se seguiria. Ao final, os folhetos foram cedidos a alguns alunos que demonstraram interesse em permanecer com o material.

Nesta etapa da atividade, os estudantes foram convidados a produzir suas próprias isogravuras, utilizando placas de isopor como matriz. Para facilitar o processo, disponibilizamos folhas A4, que puderam ser usadas como rascunhos ou espaço para treinos prévios, antes da transferência definitiva para o isopor.

Durante a produção das isogravuras, a turma apresentou entusiasmo e momentos de troca e ao final das aulas. Muitos estudantes buscaram representar elementos típicos da vegetação da caatinga e figuras simbólicas do sertão (figura 9).

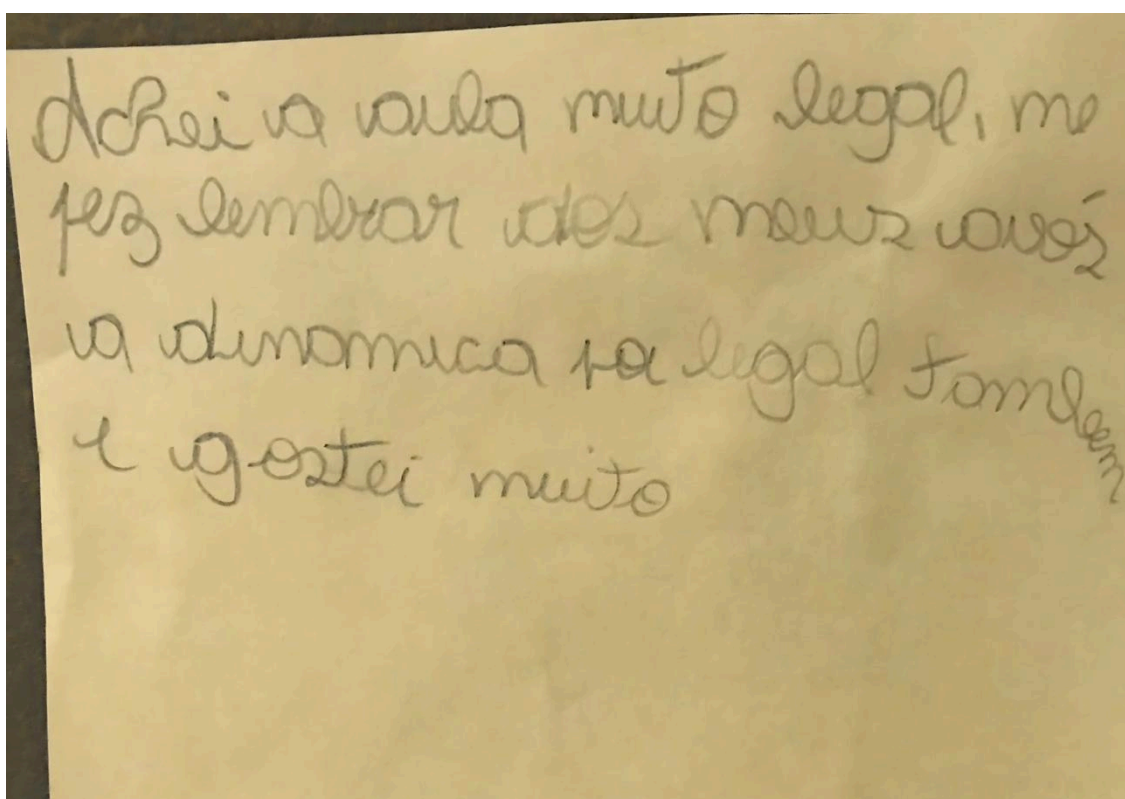
Figura 9: Construções dos alunos



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Neste momento, perguntamos também sobre quais lembranças ou memórias as aulas trouxeram e obtivemos alguns relatos pessoais. Os alunos se mostraram orgulhosos por verem suas obras no cartaz e comentaram positivamente sobre a realização da atividade prática. Esse retorno também pôde ser observado por meio de pequenos registros escritos (figura 10), nos quais avaliamos como a aula- oficina foi percebida pelos estudantes.

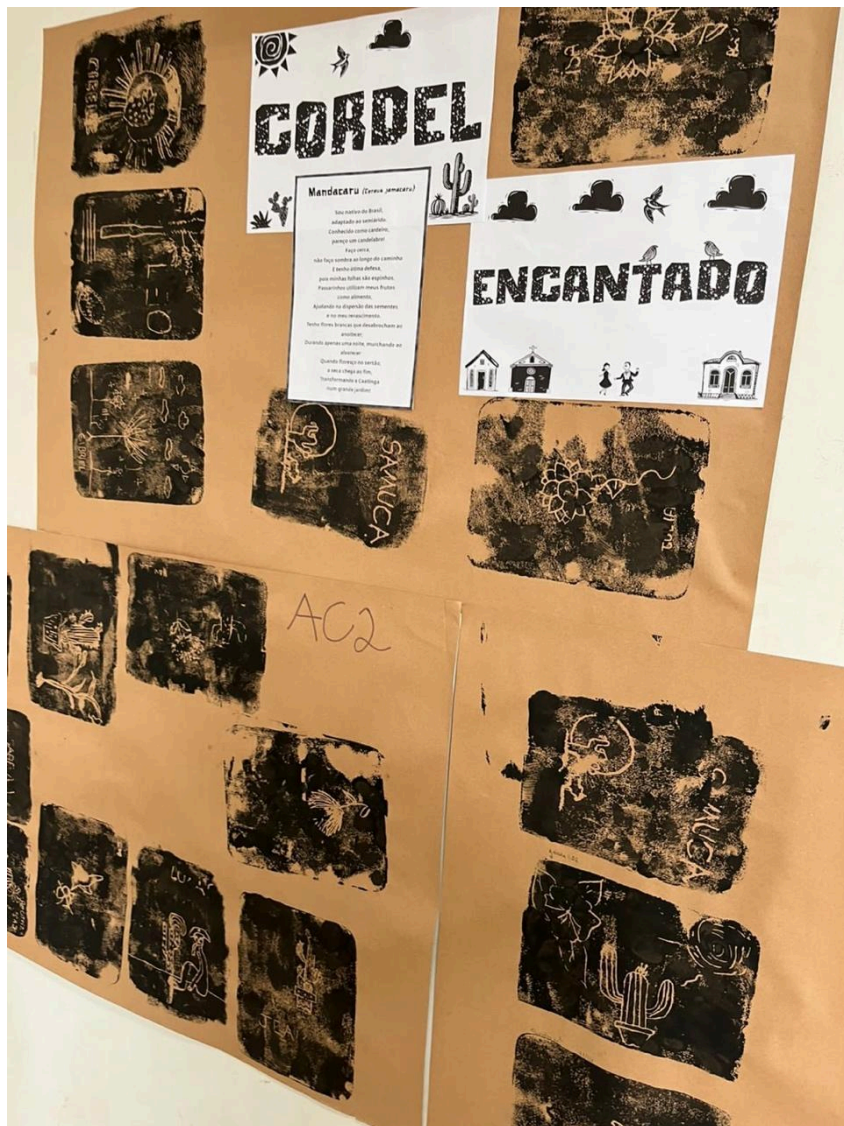
Figura 10: Nota redigida por um estudante com avaliação da aula.



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Como culminância da oficina, organizamos um mural coletivo com as isogravuras produzidas, fixadas em papel pardo, que foi montado e exposto no corredor do IFG, em um local de circulação comum da comunidade escolar (figura 11).

Figura 11: Mural construído com as produções da turma.



Fonte: Acervo pessoal.

3.4 Colhendo os frutos. A sequência didática como trilha formativa

A terceira aplicação da sequência didática foi desenvolvida na escola onde realizei o Estágio Supervisionado III, em colaboração com a minha colega de classe Natália, no Centro de Período Integral Juscelino Kubistchek de Oliveira, localizado no bairro Parque Mansões Odisséia, município de Águas Lindas de Goiás.

A turma participante foi multisseriada, composta por estudantes do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Isso porque as aulas utilizadas para desenvolvimento da proposta pertencem à grade horária destinada à oferta das Disciplinas Eletivas. Nessa configuração heterogênea foi possível observar a interação entre os estudantes no decorrer das aulas, considerando os diferentes níveis de conhecimento, maturidade e experiências. A diversidade da classe, longe de ser um obstáculo, ampliou as possibilidades de troca, permitindo que os conteúdos fossem abordados de forma mais colaborativa, considerando os saberes compartilhados e estímulo à mediação entre os próprios estudantes.

Dispostas em quatro momentos distintos, as aulas tiveram cerca de uma hora e quarenta minutos em cada um dos dias, ocorrendo no final da tarde e com aproximadamente uma semana de diferença de uma para a outra.

O primeiro encontro teve início com a apresentação das estagiárias pela professora preceptora. Logo depois, tivemos um momento de visualização do planejamento, com um panorama geral, onde os alunos puderam compreender a finalidade dos encontros, bem como as etapas que os compunham. Essa forma de expor o trabalho e dividir com a classe a rotina do planejamento, de certa forma traz mais segurança e previsibilidade para o aluno, o que desperta interesse e motivação para as próximas fases das sequências de atividades.

Após essa introdução e alinhamento inicial, demos continuidade com a exibição de materiais audiovisuais (clipes), que dialogavam com o universo do Cordel, com objetivo de criar um ambiente imersivo e despertar nos estudantes um primeiro contato sensível com a proposta. Esses recursos marcaram o início da exploração temática da sequência e facilitaram a aproximação dos alunos ao estilo narrativo e estético do tema, bem como às referências culturais envolvidas.

Como parte do processo de familiarização com a linguagem do cordel, foram realizados momentos específicos de leitura e apreciação poética, que funcionaram como pontes de transição entre os conteúdos científicos e os aspectos literários da sequência didática. Em diferentes momentos da aula, entre uma explicação e outra, realizamos leituras performáticas de cordéis que tratavam de temas botânicos. Essas leituras não apenas ilustravam os conceitos discutidos em sala, como também introduziram os estudantes ao universo da Literatura de Cordel, com destaque para seus principais elementos estruturais, como a métrica, a rima, as temáticas recorrentes e o contexto histórico-social de sua origem e circulação.

Durante essas atividades, as palavras presentes nos versos também foram utilizadas como ponto de partida para reflexões sobre questões sociolinguísticas, promovendo o reconhecimento e a valorização das variações linguísticas regionais. Um exemplo marcante foi o termo “fulorá”, extraído da canção utilizada em aula, que suscitou um diálogo sobre as diferentes formas de falar existentes no Brasil. A palavra foi tomada como referência para discutir a riqueza do nosso repertório linguístico e os preconceitos que ainda persistem em torno de certos modos de expressão popular.

A partir disso, os estudantes foram incentivados a compartilhar suas impressões sobre o tema, contribuindo com ditados, expressões populares e palavras típicas de suas vivências. Essa troca permitiu o fortalecimento de vínculos com suas realidades culturais, além de ampliar o debate sobre a legitimidade das diferentes formas de falar, não apenas como variações “aceitáveis” ou ainda as formas presentes na norma culta, mas também como expressões autênticas de identidade e pertencimento.

Na segunda aula, priorizou-se a análise das estruturas morfológicas das flores, o objetivo foi manter uma abordagem prática e investigativa. Durante a atividade, foram disponibilizadas lupas manuais (figura 12), utilizadas como recurso de ampliação para a observação minuciosa das estruturas florais. Para isso, os estudantes foram divididos em pequenos grupos, a fim de facilitar a colaboração, a troca de saberes e a participação ativa de todos. Essa organização foi necessária devido ao número expressivo de alunos na turma, o que exigiu uma dinâmica que possibilitasse maior atenção individualizada.

Essa etapa buscou o desenvolvimento da curiosidade científica, da atenção aos detalhes e do reconhecimento dos principais componentes morfológicos das flores. A organização em grupos também contribuiu para a partilha de diferentes percepções entre os estudantes, potencializando a construção coletiva do conhecimento sobre o material observado.

Figura 12: Observação das estruturas florais com uso de lupas



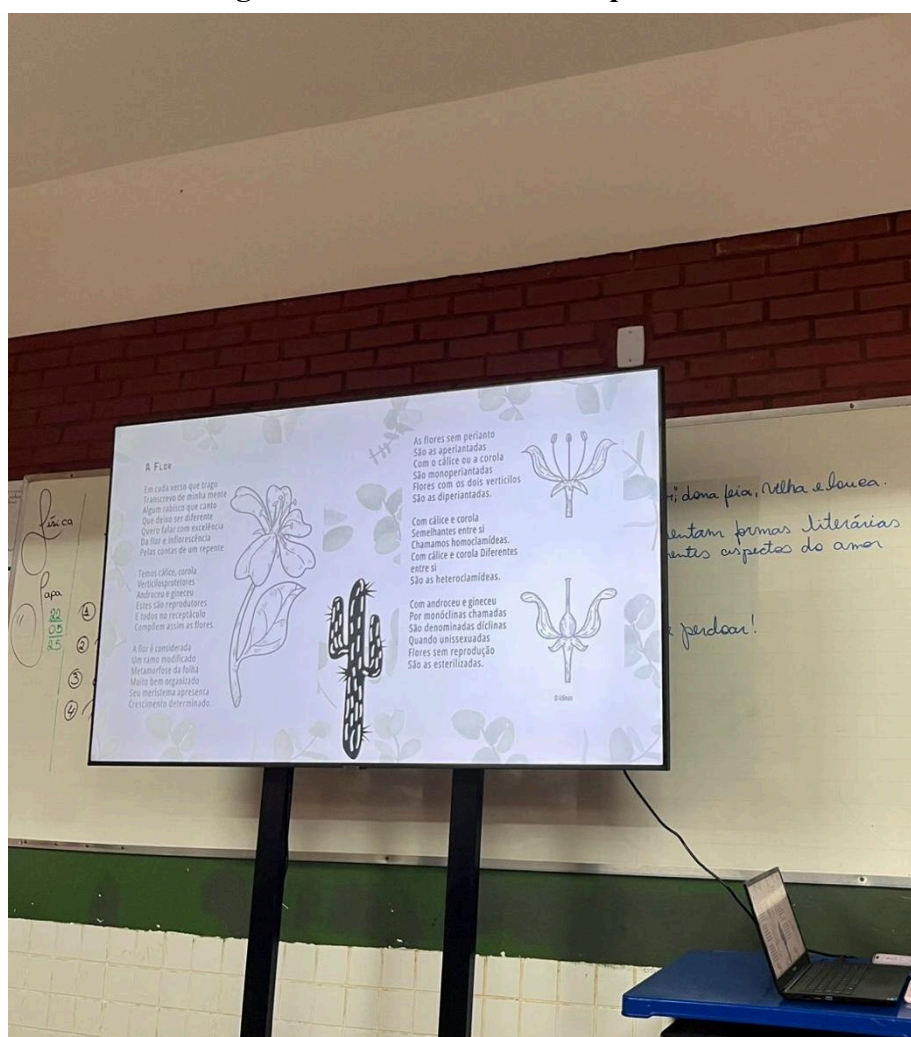
Fonte: Acervo pessoal (2025).

Como suporte didático, a obra *Anatomia Vegetal em Cordel* foi amplamente utilizada, sobretudo em trechos que tratavam das partes florais. Essa abordagem permitiu explorar os conteúdos de forma lúdica, favorecendo uma transição fluida entre a linguagem poética e a linguagem científica. A apresentação de uma imagem ilustrativa no slide (figura 13) serviu como elemento instigador para uma discussão sobre o conteúdo. Através de perguntas disparadoras como “Que partes da flor vocês conseguem identificar aqui?” e “Quais funções

essas estruturas desempenham?”, os estudantes foram incentivados a mobilizar seus conhecimentos prévios e a construir novos saberes de maneira ativa, inclusive, com espaço para formulação de hipóteses.

Como mencionado anteriormente neste trabalho, além dos elementos estruturais da Literatura de Cordel, também foram abordados aspectos linguísticos, com ênfase na análise das palavras. Os estudantes foram convidados a observar a estrutura morfológica dos vocábulos presentes nos versos, identificando prefixos, sufixos e suas respectivas contribuições para a construção de sentido. Como exemplo, discutiu-se com a turma a etimologia dos termos botânicos “androceu” e “gineceu”: destacou-se que “andro” remete ao masculino, como em “homem”, enquanto “gine” remete ao feminino, como em “ginecologista”, facilitando a compreensão da função reprodutiva dessas estruturas nas flores.

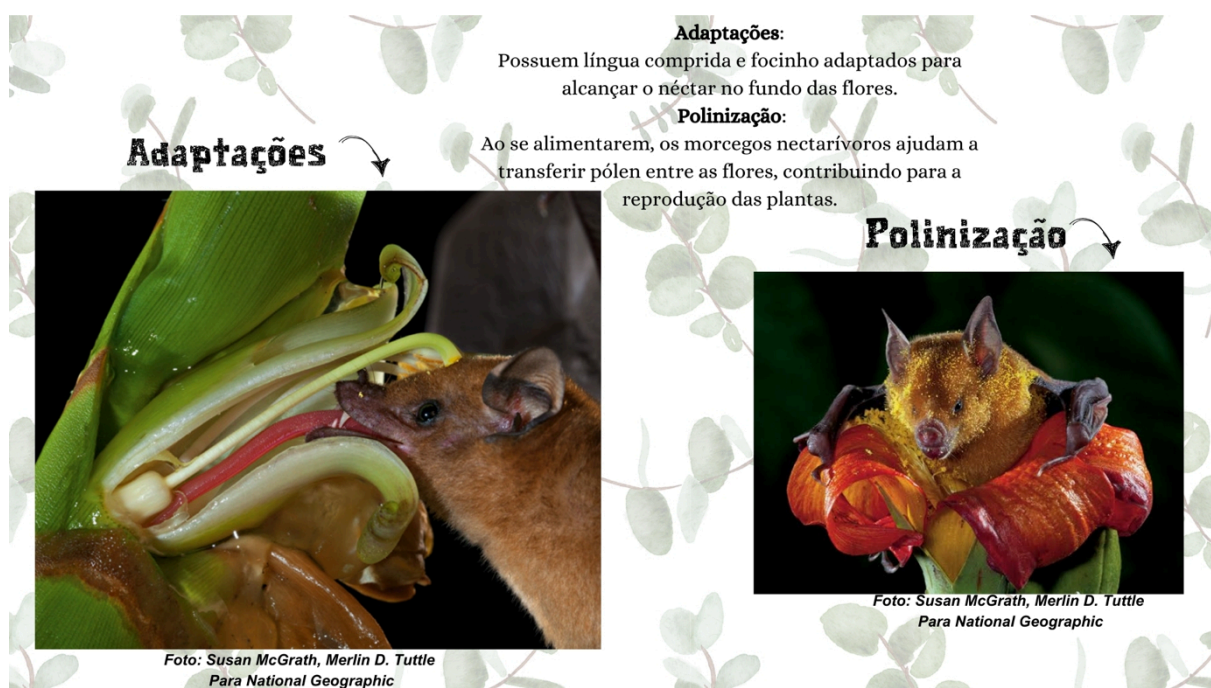
Figura 13: Estruturas florais por meio do cordel



Fonte: Acervo pessoal (2025).

O momento também foi oportuno para ampliar as discussões sobre relações ecológicas e adaptações evolutivas (figura 14), especialmente no que diz respeito à polinização. As imagens apresentadas retratavam morcegos visitando flores, realizando a dispersão de pólen ao buscarem alimento. Neste contexto, foram citados os principais polinizadores do Mandacaru. Além disso, discutiram-se os mecanismos de atração utilizados por essas plantas, como a emissão de odores noturnos intensos e a produção abundante de néctar. Através de perguntas como “Vocês conhecem alguma planta que exala algum cheiro em determinado horário do dia?”, os estudantes foram encorajados a compartilhar experiências pessoais relacionadas ao tema.

Figura 14: Slide utilizado para abordar as interações entre fauna e flora: polinizadores



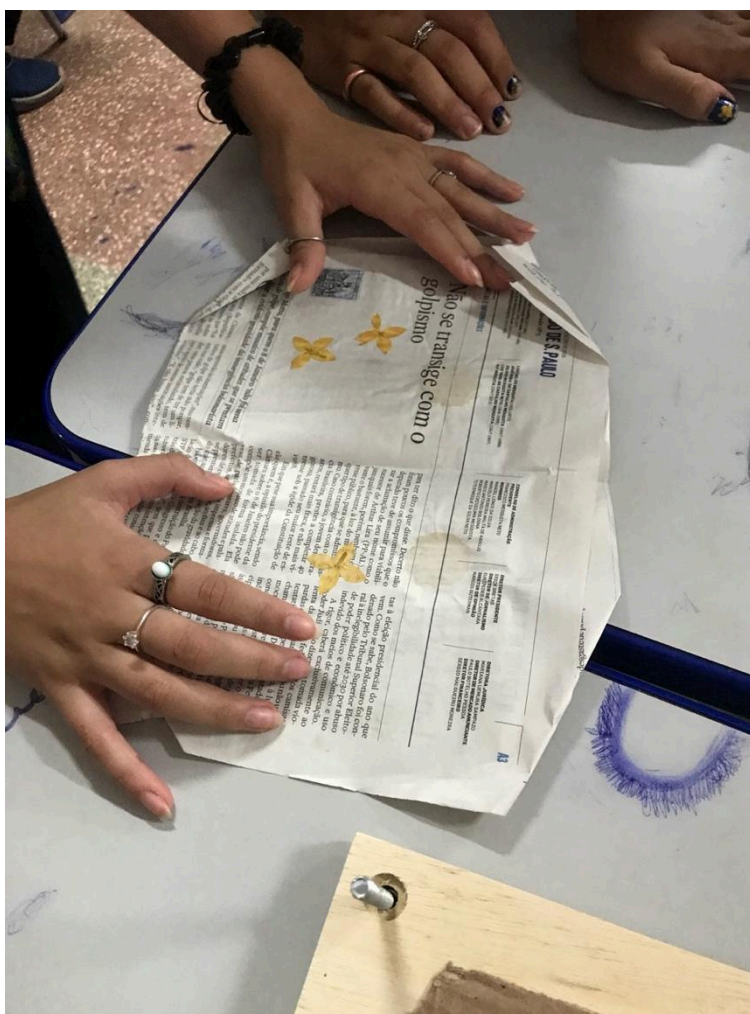
Fonte: slide autoral utilizando imagens de Susan McGrath, para a National Geographic Brasil.

Ao término das discussões sobre morfologia floral e interações ecológicas, alguns alunos se voluntariaram para participar da montagem de exsicatas com as flores coletadas e observadas ao longo da aula. Para isso, foi utilizada uma prensa artesanal de dimensões (20 cm x 20 cm), adequada ao contexto escolar e de fácil manuseio. A experiência proporcionou aos estudantes o contato direto com uma prática recorrente nos estudos botânicos e teve como propósito estreitar as relações entre o cotidiano escolar e as metodologias próprias da pesquisa

científica, promovendo a integração entre a realidade da sala de aula e os procedimentos técnicos adotados no campo da Botânica.

A terceira aula teve início com a observação das exsicatas produzidas com auxílio dos estudantes no encontro anterior (figura 15). A partir dessa observação, revisamos coletivamente os conceitos trabalhados nas primeiras aulas, com foco nas estruturas florais. Na sequência, os estudantes também produziram desenhos das flores observadas, nomeando suas partes principais e demonstrando a assimilação dos conteúdos por meio da linguagem visual.

Figura 15: Observação dos resultados e apreciação das exsicatas.



Fonte: Acervo Pessoal (2025).

Durante o quarto estágio da sequência didática, as atividades foram direcionadas à experimentação artística e ao aprofundamento da relação entre a botânica e elementos da linguagem visual, com ênfase nas composições inspiradas na estética cordelista.

Os estudantes tiveram contato direto com diferentes exemplares de Literatura de Cordel impressa, podendo explorar livremente os folhetos e manuseá-los com curiosidade. Parte desse material também foi incorporada aos slides utilizados nos momentos expositivos, ampliando a conexão entre a linguagem poética e os conteúdos trabalhados (figura 16).

Figura 16: capítulos da obra Anatomia Vegetal em Cordel



Fonte: Acervo pessoal (2025).

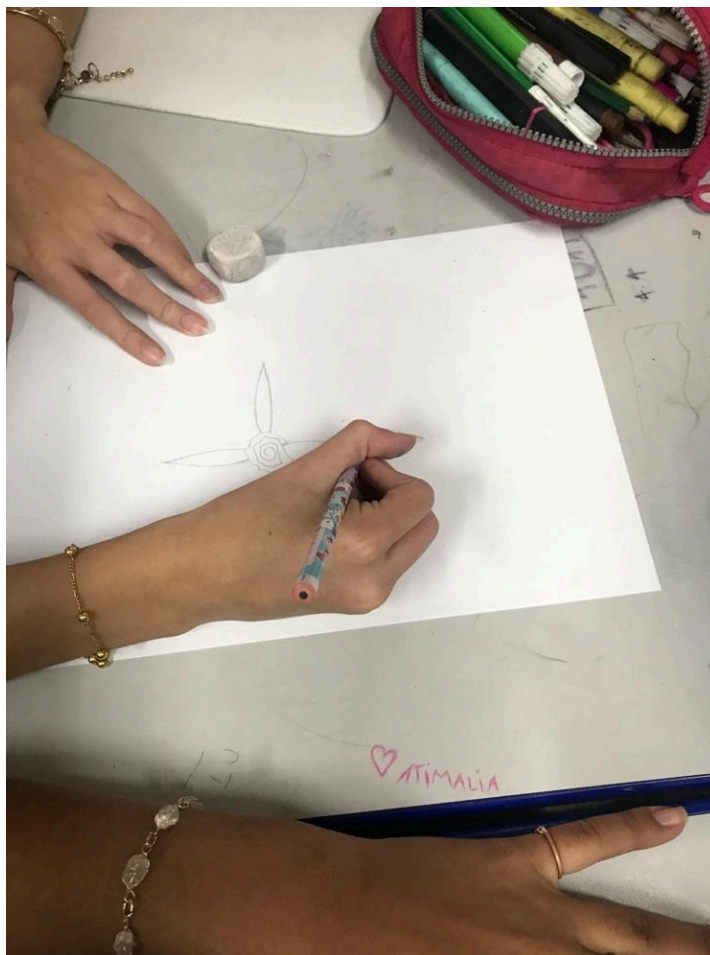
Além disso, como forma de integrar a memória afetiva à expressão artística, os estudantes foram convidados a representar, em suas gravuras, elementos que evocassem as vivências despertadas ao longo da sequência didática. As produções poderiam incluir lembranças de familiares, viagens ao Nordeste, experiências pessoais relacionadas à temática e outros símbolos culturais significativos. Esse convite à criação mobilizou uma série de relatos espontâneos: muitos alunos compartilharam experiências afetivas ligadas à infância, como visitas à casa dos avós ou viagens a cidades do interior, onde tiveram contato direto com espécies vegetais retratadas nas atividades, como o mandacaru, o xique-xique e outras plantas típicas do sertão.

Outros estudantes mencionaram comidas tradicionais, expressões populares e histórias narradas por parentes mais velhos, evidenciando a presença marcante da cultura nordestina em suas memórias e no imaginário coletivo. Esses relatos foram acolhidos com atenção e, sempre que possível, foram relacionados aos conteúdos propostos, reforçando o vínculo entre os temas abordados e os saberes culturais trazidos pelos próprios alunos. Esse entrelaçamento entre ciência e cultura foi um dos pontos centrais da proposta pedagógica, permitindo que as vivências individuais contribuíssem diretamente para o processo de aprendizagem compartilhada.

Em seguida, foi proposta a criação de isogravuras, que como dito anteriormente, constitui uma técnica que utiliza o isopor como matriz para impressão. Esse momento da aula foi planejado para integrar o conteúdo trabalhado anteriormente à prática criativa, promovendo uma experiência significativa e multisensorial. A partir da observação das exsiccatas, assim como das ilustrações produzidas na aula anterior, os estudantes foram convidados a retomar os conhecimentos construídos ao longo da sequência didática para desenhar, diretamente sobre as placas de isopor, as estruturas florais que haviam estudado ou qualquer elemento que, na percepção deles, representasse as aprendizagens construídas durante nossas aulas e também referências simbólicas que tivessem surgido ao longo dos encontros. Essa retomada visual serviu como apoio para o desenvolvimento da atividade e ajudou a consolidar conceitos que vinham sendo explorados desde a primeira apresentação.

Alguns estudantes, buscando mais confiança antes de utilizar o material definitivo, optaram por iniciar o processo em folhas A4. Esse movimento espontâneo revelou uma estratégia bastante interessante: ao esboçarem previamente no papel, puderam visualizar melhor a distribuição dos elementos na cena, observar a proporção entre os seres representados e refletir sobre a composição como um todo. Esse cuidado prévio trouxe mais segurança ao momento seguinte, em que os desenhos seriam transpostos para o isopor (figura 18). O uso do papel como rascunho, além de facilitar a organização visual das ideias, funcionou também como uma etapa preparatória que favoreceu a familiarização com a técnica e com o próprio ato de desenhar.

Figura 18: rascunho em papel



Fonte: Acervo Pessoal (2025).

Ainda assim, não foram poucos os momentos em que a insegurança apareceu. Era visível como muitos alunos se sentiam receosos ao iniciarem seus traços, muitas vezes por julgarem não saber desenhar “bem o suficiente”. Expressões como “Não ria do meu desenho...” ou “Professora, mas eu nem sei desenhar!” Surgiram, revelando um sentimento frequente nas salas de aula: o medo da exposição e do julgamento, especialmente quando se trata de expressões visuais. Perceber essas falas foi fundamental para acolher essas angústias com sensibilidade. Diante dessas reações, busquei responder com naturalidade, com falas simples e incentivadoras, reforçando a ideia de que todos somos capazes de desenhar e que não existe um único modelo de “desenho certo”. A proposta, afinal, não era avaliar a

habilidade técnica, mas sim valorizar a expressão pessoal de cada estudante, a partir daquilo que haviam aprendido e vivenciado.

Expliquei que nas artes visuais há espaço para múltiplas formas de representação, e que cada produção tem sua estética particular. Reforcei que o valor de uma obra não está na semelhança com um modelo ideal, mas na autenticidade do gesto criativo, no olhar de quem desenha e no significado que aquela imagem carrega. Comentei ainda que a riqueza de detalhes pode variar de uma gravura para outra, e que essa diversidade é justamente o que torna cada trabalho único e legítimo em sua expressão.

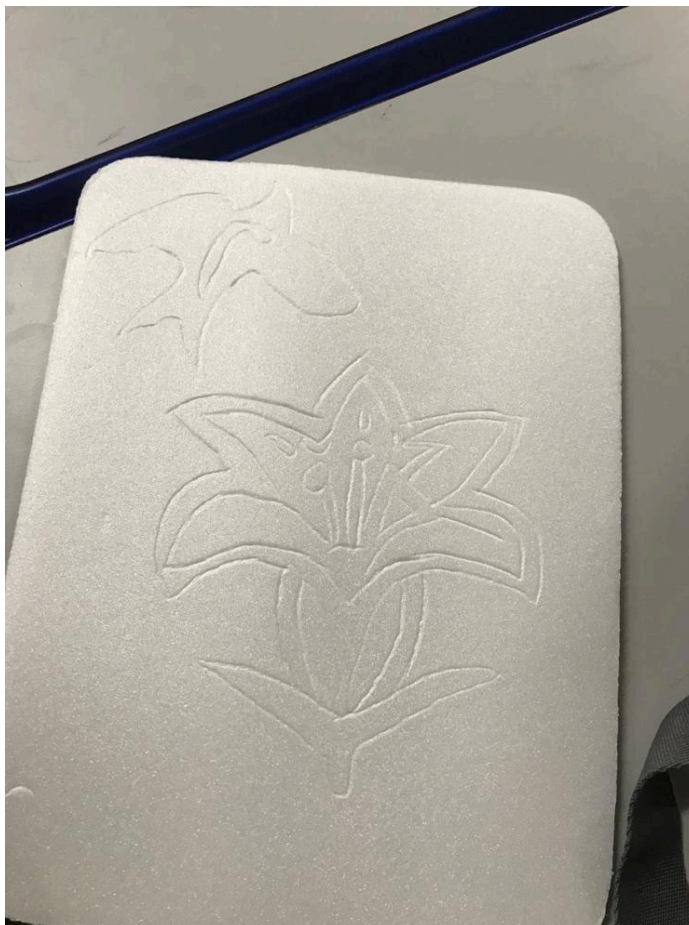
Essas observações levam a questionamentos em como estamos estimulando a criatividade e proporcionando o desenvolvimento de habilidades relacionadas ao desenho autoral. Desde as primeiras etapas do ensino, observamos, tanto em ambientes escolares quanto externos, uma constante padronização de desenhos e atividades que buscam a simples reprodução de cenas ou objetos. Estimular a criação, o desenho livre, deve ser compreendido como parte fundamental do processo educativo. Ao permitir que os estudantes expressem suas percepções por meio da linguagem visual, promovemos não apenas o desenvolvimento de habilidades técnicas, mas também de aspectos subjetivos e identitários, frequentemente negligenciados nas práticas pedagógicas tradicionais.

Esse momento da aula revelou, mais uma vez, como o ambiente escolar precisa ser constantemente ressignificado como espaço seguro de criação e experimentação. Quando os estudantes se sentem livres para arriscar, sem medo do erro ou do julgamento, é possível observar um envolvimento mais autêntico e profundo com as propostas. Aos poucos, conforme iam se soltando, os desenhos começaram a surgir com mais espontaneidade. Alguns alunos optaram por representar os contornos exatos das flores estudadas; outros, por integrar elementos simbólicos ou referências pessoais, criando cenas mais narrativas, carregadas de significado afetivo.

A isogravura, nesse contexto, funcionou como um elo entre o conhecimento científico e a vivência artística, permitindo que os estudantes elaborassem imagens a partir de saberes construídos em aula, mas também das suas memórias, identidades e histórias. Ao final da atividade, muitos expressaram surpresa e satisfação com os próprios resultados, reconhecendo-se capazes de criar algo bonito, original e cheio de sentido.

O processo “entalhe” dos desenhos ocorreu com auxílio de lápis ou canetas, foi explicada a necessidade de fazer traços mais firmes e profundos, para que os desenhos ficassem nítidos após impressão (figura 19).

Figura 19: processo de “entalhe” nas placas de isopor



Fonte: Acervo Pessoal (2025).

Este momento foi seguido pela aplicação de tinta e a impressão das matrizes em papel pardo, simulando o formato tradicional das imagens presentes nos cordéis, com a placa de isopor funcionando como um carimbo (figura 20).

Foram disponibilizadas tintas nas cores verde e preta, escolhidas tanto pela relação com a temática vegetal quanto por remetem à paleta mais comum nas xilogravuras populares. Cada estudante pôde aplicar a tinta em sua matriz com auxílio de rolinhos de espuma, o que também fez parte do aprendizado sobre o padrão técnico da impressão.

Houve cuidado na orientação de como distribuir a tinta de maneira uniforme sobre o isopor, para que os detalhes dos desenhos fossem pesados durante a transferência para o papel. Ao pressionarem a placa sobre a superfície do papel, muitos alunos demonstraram

surpresa e entusiasmo ao verem a imagem surgindo, o que trouxe um sentimento de conquista e valorização de suas produções. Alguns alunos fizeram questão de mostrar o resultado e detalhes para a professora preceptora, que também fez elogios.

Figura 20: Confeção das isogravuras



Fonte: Acervo Pessoal (2025).

Durante essa etapa, foi possível observar não apenas o engajamento prático, mas também o fortalecimento do vínculo dos estudantes com o próprio fazer artístico. Muitos comentavam entre si os significados das imagens criadas, elogiavam o trabalho dos colegas e buscavam orientação para aprimorar suas impressões: alguns alunos chegaram a realizar mais de uma tentativa.

Ao final da atividade, cada aluno pôde observar a diversidade de representações produzidas pela turma formando uma espécie de painel coletivo que revelava diferentes

percepções e olhares. Essa multiplicidade de interpretações propiciou uma maior interação entre os estudantes, fortalecendo a interação e coletividade da turma.

Os resultados dessa experiência evidenciam a importância de metodologias interdisciplinares no ensino de Ciências e Biologia, sobretudo quando articuladas com recursos que dialogam com a identidade dos estudantes. A utilização da Literatura de Cordel e das isogravuras como mediadoras da aprendizagem favoreceu não apenas o engajamento da turma, mas também a compreensão de conceitos complexos de forma acessível e lúdica. A diversidade de atividades e linguagens permitiu que cada estudante se expressasse à sua maneira, ampliando as possibilidades de aprendizagem e ressignificando o espaço escolar. Em muitos casos, os conteúdos propostos despertaram memórias afetivas e vínculos ancestrais, sobretudo entre estudantes cujas famílias têm origem no Nordeste, ainda que nem todos tenham nascido ou vivenciado diretamente essa realidade. Esse resgate da ancestralidade cultural contribuiu para fortalecer o sentimento de pertencimento e valorização das próprias raízes.

4 NOTAS REFLEXIVAS

Este espaço é dedicado a revisitar os caminhos percorridos durante a realização deste trabalho. Porém, muito mais do que relatar etapas e resultados da sequência didática, trata-se também de refletir sobre os impactos subjetivos e formativos que essa experiência me provocou. Ao longo do desenvolvimento desta proposta, percebi que não apenas uma sequência didática foi construída e reelaborada, mas que eu mesma também fui sendo reconstruída em minha prática docente. Cada etapa, do planejamento à aplicação em sala, me provocou a repensar métodos, a escutar mais atentamente os estudantes e a ressignificar o próprio sentido de ensinar.

Embora já carregasse comigo vivências em ambientes escolares, foi durante essa licenciatura que reflexões mais sistematizadas passaram a intensificar a maneira como eu compreendia a docência. Desde os primeiros períodos, fui sendo envolvida por reflexões, provocações teóricas e práticas trazidas por professores que marcaram minha trajetória de forma definitiva. A condução das aulas, o cuidado com que preparavam os conteúdos e, sobretudo, o incentivo ao pensamento crítico e à prática reflexiva, reafirmaram e fortaleceram uma visão de ensino comprometido com a transformação social.

Passei a reconhecer com mais clareza a complexidade do planejamento pedagógico, especialmente a responsabilidade ética com os sujeitos que integram o processo educativo (aluno e professor). Essas inspirações me mostraram que o educador precisa revisitar constantemente suas práticas, reformular caminhos e estar aberto ao diálogo com o contexto e com seus próprios limites. Foi nesse terreno fértil que minha postura docente, ganhou novas raízes e direções, antes mesmo de eu desenhar a proposta de aula.

A sequência didática foi, portanto, uma continuidade de um processo já em movimento, e que continua em expansão: a formação de uma professora que busca agir com intencionalidade e comprometimento com a responsabilidade social do ensinar.

Esses ensinamentos me permitiram reafirmar uma visão de docência, que, de certo modo, já orientava minha forma de estar em sala. Ser professora, compreendi, é também aceitar-se em constante movimento, disposta a escutar, adaptar-se e transformar a prática

cotidiana. Não há ponto de chegada definitivo, ensinar e aprender se entrelaçam em um ciclo permanente de crescimento, em que cada experiência ressignifica a anterior e abre espaço para novas descobertas. Essas percepções e aprendizagens tenho procurado levar comigo em todos os espaços de atuação, seja no estágio, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ou em outros contextos profissionais aos quais pertenço.

4.1 Laboratório de Aula-Teste: o banco de “Sementes de Ideias” do IF

O Laboratório de Aula-Teste foi uma experiência que agregou sentidos importantes à minha caminhada como educadora, pois representou uma oportunidade de experimentar possibilidades pedagógicas em um espaço de criação e trocas. Como já mencionado anteriormente, foi a partir desse encontro que surgiu a proposta de integrar a Literatura de Cordel ao ensino de Botânica, ideia que viria a se consolidar no Trabalho de Conclusão de Curso.

A dinâmica do laboratório propunha um desafio metodológico: trabalhar com temas sorteados. No meu caso, os campos foram Botânica e o uso de "Literatura, Filmes, HQs e outras mídias no ensino de Ciências e Biologia". O sorteio foi essencial para me fazer buscar caminhos não convencionais, e o Cordel, foi eleito também como tema. Durante as apresentações, as trocas com os colegas ampliaram esse campo de aprendizagem. Ingrid Carvalho dos Santos, colega que também participou da atividade, ao rememorar sua experiência no Laboratório, afirma:

Essa vivência me marcou profundamente, pois me fez perceber que ensinar não é apenas repassar conteúdos, mas criar estratégias que façam sentido para os estudantes, e que cada detalhe, desde o planejamento até a forma de falar e agir, conta muito na construção de uma aula significativa. (Ingrid, 2025).

Ao escutar sua fala e tantas outras, compreendi ainda mais que esse laboratório era um espaço de invenção sensível e autoria. Cada colega trouxe algo de si: ideias, dúvidas e inspirações. No meu caso, levei o cordel como narrativa para ensinar Botânica e fui surpreendida pelo alcance que essa linguagem teve em aproximar os estudantes do conteúdo.

A observação das demais apresentações também me ensinou. Apreciar os mais variados temas e abordagens foi um momento de intenso aprendizado. Estar neste espaço me provocou reflexões sobre a importância e grandeza do Laboratório. Como bem pontua Ingrid:

Observar meus colegas dando suas aulas-teste foi igualmente inspirador, pois cada um trouxe recursos e ideias diferentes, mostrando que existem múltiplas formas de

ensinar e que todas carregam intencionalidades e estilos próprios. [...] acredito que pesquisar sobre esse dispositivo seja uma forma de compartilhar com outras instituições e pessoas uma prática tão potente, permitindo que outras licenciaturas também conheçam e talvez implementem algo semelhante. (Ingrid, 2025).

Levar o laboratório como tema de pesquisa, como fez minha colega, ou como campo de germinação de ideias, como aconteceu comigo, é reconhecer que o fazer pedagógico também começa também nesses ensaios, nesses momentos em que arriscamos metodologias e nos permitimos criar. O cordel, que nasceu ali como experimento, se tornou raiz de um projeto inteiro e planejamentos futuros. O Laboratório de Aula-Teste segue sendo, para mim, um território de cultivo fértil, onde a docência se revela com o cuidado e acolhimento das primeiras tentativas.

4.2 Análise das Aplicações da Sequência Didática em Espaços e Contextos Diversificados

Após análise das atividades desenvolvidas em sala, como o formato em que se apresentaram, os recursos didáticos mobilizados, a observação do nível de interesse apresentado e engajamento dos discentes e, por fim, a revisão dos trabalhos de culminância elaborados pelas turmas, observou-se um conjunto de evidências que apontam para o êxito da proposta.

Além da aquisição de novos saberes ou aprendizagem complementar ao conteúdo previsto para essa etapa do ensino, esperava-se que os alunos identificassem o multiculturalismo presente em nosso cotidiano, em especial a cultura nordestina. Essa expectativa foi confirmada em diversos momentos das aplicações, sobretudo quando os estudantes identificaram referências simbólicas, afetivas e linguísticas que remetiam à sua realidade, favorecendo a aproximação entre os conteúdos escolares e suas vivências pessoais.

Em todas as experiências: aula-teste, Prática como Componente Curricular (PCC) e Estágio no CEPI JK, foi possível observar uma receptividade significativa às estratégias propostas. A atividade com isogravura, por exemplo, despertou curiosidade e envolvimento em diferentes turmas, revelando o potencial do trabalho artístico como porta de entrada para o conteúdo científico. O processo de entalhe, aplicação de tinta e impressão simulando o formato tradicional do cordel permitiu que os alunos expressassem seus aprendizados de forma criativa, com expressiva empolgação.

A exibição de imagens relacionadas aos polinizadores do mandacaru gerou muitos questionamentos. Os estudantes demonstraram surpresa ao descobrir que morcegos também exercem esse papel ecológico. A curiosidade despertada por essa informação promoveu uma aprendizagem mais significativa em relação ao imaginário coletivo. O momento também permitiu problematizar os estigmas associados a certos animais, muitas vezes excluídos do apreço popular por não integrarem a chamada “fofofauna”, um termo que popularmente designa os animais socialmente aceitos por sua aparência dócil ou carismática. Assim, o conteúdo científico dialogou com afetos, preconceitos e representações culturais, ampliando os horizontes da aula.

É importante destacar que, a proposta teve variações e especificidades em cada aplicação, revelando como os contextos influenciam diretamente a recepção e os desdobramentos pedagógicos.

No CEPI JK, a proposta foi aplicada em uma escola de tempo integral, com aulas no fim da tarde e início da noite. O primeiro encontro foi marcado por certa timidez e hesitação dos alunos em participar oralmente. Essa postura pode ser compreendida a partir do contexto: a rotina intensa, o ambiente barulhento e o formato mais expositivo da aula inicial podem ter influenciado. Ainda assim, foi possível notar interesse e, aos poucos, surgiram vínculos afetivos e comunicacionais entre nós, estagiárias, e os estudantes, o que favoreceu um ambiente mais colaborativo nas aulas seguintes.

Ainda no CEPI JK, a valorização da linguagem poética como recurso didático possibilitou a integração entre saberes científicos e competências linguísticas. Atividades envolvendo análise de prefixos, sufixos e palavras presentes nos cordéis favoreceram o desenvolvimento da consciência linguística e promoveram reflexões sobre o significado dos termos tanto no contexto poético quanto científico com maior ênfase.

Em uma das etapas da sequência, os alunos do CEPI também trabalharam com amostras florais coletadas no entorno da escola. Essa prática proporcionou uma experiência direta com a biodiversidade local, estimulando a observação, o cuidado com o material vegetal e o reconhecimento do valor ecológico das espécies nativas. Além disso, foi possível abordar a

importância da conservação ambiental e refletir sobre a chamada "cegueira botânica"³, ou seja, a dificuldade em perceber e valorizar o mundo vegetal presente ao nosso redor.

A sequência didática, em todos os contextos onde foi aplicada, permitiu evidenciar a força da Literatura de Cordel como ferramenta pedagógica e contribuiu para o fortalecimento da identidade dos estudantes e para o combate a estigmas que muitas vezes cercam formas de linguagem associadas às regiões nordeste e interioranas do Brasil. A proposta mostrou que é possível unir conhecimento científico e cultura popular, favorecendo uma aprendizagem crítica, sensível e interdisciplinar e, neste caso, moldada à diferentes ambientes.

Para facilitar a compreensão dessa recriação e adaptações, a seguir apresento um quadro síntese com as principais etapas, objetivos e recursos da sequência didática proposta. Trata-se de um guia flexível, que pode servir como inspiração para novas práticas e desdobramentos.

Quadro 1 – Etapas Da Sequência Didática

Etapas	Descrição das atividades
Conversa inicial e exposição da proposta	Esse momento iniciou-se com uma breve conversa sobre as atividades que seriam propostas no decorrer das aulas. O objetivo foi trazer para a turma uma consciência cronológica das atividades, promovendo uma segurança em relação ao que seria trabalhado e provocar expectativas em relação às próximas etapas.
Motivação / Problemática	Apresentou-se vídeos curtos motivadores, com conteúdo musical, trazendo como referências a poesia, o imaginário popular e a fantasia. Além disso, o vídeo explorou a estética marcante presente nas composições do Cordel (xilografia). O vídeo escolhido para dar início à problematização foi o videoclipe de abertura da novela <i>Cordel Encantado</i> (2011), o qual demonstra inspiração em lendas heróicas e é embalado pela música e voz de Gilberto Gil, <i>Minha Princesa</i> , com a participação da também intérprete Roberta de Sá. Promoveu-se uma discussão com os estudantes, através da leitura das imagens, buscando a percepção de aspectos relevantes para o tema proposto.

³ O termo "cegueira botânica" foi originalmente proposto pelo professor Wandersee e pela professora Schussler (2001), referindo-se à tendência das pessoas em não perceber ou reconhecer as plantas no ambiente, ainda que estejam cercadas por elas. No entanto, o uso metafórico da palavra "cegueira" tem sido debatido por pesquisadores da educação inclusiva por reproduzir um viés capacitista, ao associar a deficiência visual à ignorância ou à invisibilidade. Por esse motivo, embora o termo ainda seja amplamente utilizado na literatura científica, é importante problematizá-lo e, sempre que possível, substituí-lo por expressões mais inclusivas, como *invisibilização das plantas* ou *desatenção botânica*.

	Por meio de perguntas disparadoras, tais como “Quais os elementos não-vivos podemos observar nas imagens?” e “Quais os seres vivos representados e qual o tipo de relação entre eles?”, a fim de estimular o interesse e a reflexão. O diálogo foi conduzido de modo que os alunos percebessem a vegetação que estava representada nas imagens, para a partir desse ponto explorar os conteúdos relacionados à Botânica.
Introdução ao conteúdo	Apresentaram-se imagens e slides com destaque para os componentes vegetais, enfatizando estruturas trabalhadas na Anatomia Vegetal, como as principais partes de uma flor, adaptações da flora, folhas modificadas (espinhos). Durante a apresentação expositiva e dialogada, os alunos foram estimulados a refletir sobre as características da caatinga, bioma exclusivamente brasileiro, reconhecendo as principais características do clima semiárido às adaptações morfofisiológicas das plantas que foram apresentadas. Esse momento permitiu conexões entre o conteúdo científico e a cultura regional. A Literatura de Cordel foi utilizada de forma constante, permeando boa parte dos slides, alguns exploravam o conteúdo de forma direta e outros, de uma maneira poética, com versos, trechos musicais, rimas e analogias, reforçando os aspectos culturais e regionais. Outro recurso utilizado com o propósito de valorizar a identidade nordestina e ampliar o interesse pelo tema, foi o manuseio de folhetos e textos cordelistas. (Materiais de apoio visual). Com temas variados sobre o sertão, o clima, a fauna e a flora locais enriqueceram o debate, promovendo uma abordagem interdisciplinar entre Botânica e Cultura.
Observação e exploração das composições cordelistas	Levantaram-se questões relacionadas às necessidades das plantas, tais como a absorção de água e os processos de circulação. Foram utilizados vídeos, imagens e experimentos simples, como a aplicação de corantes em flores, para verificar hipóteses elaboradas pelos estudantes. Estimulou-se a formulação de hipóteses e o registro sistemático das observações realizadas. (Atividade investigativa e reflexiva) com conteúdo musical, e obras literárias no formato de cordel que ilustraram o tema das plantas e suas funções. Utilizou-se o recurso de observação direta por meio folhetos impressos, estimulando os estudantes a desenharem, nomearem e relacionarem as funções dessas estruturas. Essa atividade promoveu o aprendizado visual e manipulação prática. (Aprendizagem visual, manipulação prática)

Produção e aplicação	Propôs-se aos estudantes a realização de uma isogravura temática relacionada às plantas ou motivações pessoais, integrando a produção artística ao conteúdo científico. Paralelamente, trabalharam-se músicas brasileiras que abordam o cordel e o mandacaru, promovendo um momento de enriquecimento cultural que evidencia a riqueza da cultura nordestina. (Atividade artística, cultural e interdisciplinar)
Culminância e Avaliação	Foram propostas atividades avaliativas, tais como questionários, produções visuais e apresentações das isogravuras, visando à verificação do entendimento. Realizou-se o fornecimento de feedback qualificativo, em âmbito individual e coletivo, com o objetivo de esclarecer dúvidas e reforçar conceitos trabalhados ao longo do processo. (Avaliação contínua). Em futuros desdobramentos, sobretudo no contexto de uma turma regular, considera-se a possibilidade de incluir atividades escritas com níveis de complexidade distintos e progressivos. Essa estratégia permitiria sistematizar de forma mais rigorosa os resultados da sequência didática, diversificando os instrumentos avaliativos e ampliando as oportunidades de aprendizagem dos estudantes.
Reflexão e continuidade	Reflexão sobre o que foi aprendido e identificação dos possíveis avanços ou dúvidas.

4.3 O que os olhos também dizem: escutas que não cabem em voz

Durante a aplicação da sequência no estágio, procurei estar atenta não apenas ao que os alunos falavam, mas também aos seus gestos, olhares e expressões, sinais muitas vezes sutis, que revelam o grau de envolvimento e participação. Muito se fala em diálogo, e de fato, ele é importante. No entanto, é preciso enxergar a linguagem que não é falada, pelo menos, não com palavras. A escuta sensível envolve também perceber essas manifestações silenciosas, que dizem muito sobre como os estudantes estão se sentindo diante da proposta e até mesmo no ambiente escolar como um todo.

Observei com cuidado as dinâmicas dos grupos, buscando identificar, por exemplo, se algum estudante permanecia isolado ou pouco integrado às atividades. Nessas situações, atuei de forma acolhedora, incentivando a inclusão e a escuta mútua, pois entendo que o processo de aprendizagem passa também pelo sentimento de pertencimento e pela qualidade das relações estabelecidas em sala. Esse olhar atento, porém, não surgiu de forma automática: ele também foi resultado de um exercício pessoal. Sempre considerei a comunicação com o outro um dos meus desafios, e foi justamente por reconhecer essa dificuldade em mim mesma que passei a valorizar ainda mais a importância de criar espaços de escuta e acolhimento.

4.4 Encontros entre Educação e Cultura

Falar sobre cultura, educação e sobretudo como esses dois elementos estão articulados é um exercício desafiador, pois ambos possuem conceitos amplos e a eles constantemente são atribuídas novas representações. É possível que ao perguntar sobre o que seja educação para um grupo de pessoas, tenhamos respostas distintas e ainda assim, todas elas podem refletir de forma legítima a realidade, a depender do contexto que o interlocutor escolhe abordar ou como compreende o conceito. O mesmo ocorre quando se questiona sobre cultura.

Trazendo para a nossa vivência, essas unidades ganham dimensões ainda mais significativas quando consideramos o processo histórico e político de formação do Brasil: um país de grande extensão territorial, cujas origens estão marcadas de forma indiscutível pelo multiculturalismo.

Reconhecer essa composição complexa e explorar essa relação entre a cultura e educação no contexto escolar confere ao processo educativo uma noção mais ampla de completude. Ao compreender a cultura como dimensão constitutiva da experiência educativa, rompemos com a concepção de um ensino neutro ou descolado da realidade. A escola, quando entendida como espaço de produção de significados, precisa acolher e dialogar com as múltiplas vozes que a habitam, vozes que carregam histórias e marcas simbólicas diversas. Compreender essa dinâmica é também compreender que ensinar exige atenção e sensibilidade às trajetórias dos estudantes, reconhecendo que toda prática educativa é, antes de tudo, um encontro entre mundos.

4.5 A sequência pelos olhos das colegas

Ao longo desse percurso formativo e da construção desta sequência didática, não estive sozinha. Nesta nota, trago os relatos das minhas colegas de curso Daniely e Natália, que acompanharam e participaram da proposta formativa que esse trabalho alcançou, em seus diferentes contextos.

Daniely participou do grupo durante a Prática como Componente Curricular, escreveu:

O que mais me chamou a atenção foi a forma como ela conseguiu conectar o conhecimento científico à cultura popular. Desde o início da apresentação, a ambientação com música nordestina, imagens de mandacarus, cactos e paisagens do sertão trouxe uma atmosfera envolvente e diferente do tradicional. — (Daniely, 2025).

Ao destacar a atmosfera da aula, Daniely aponta para uma dimensão essencial do ensino: a sensorialidade como caminho de aproximação. A ambientação se constituiu como linguagem pedagógica e como dito anteriormente, essa foi uma escolha intencional, pois desejava que os estudantes reconhecessem imagens e sons. Nesse sentido, a proposta dialoga com a Pedagogia da Sensibilidade, que valoriza as emoções e os sentidos como elementos fundamentais para uma aprendizagem integral (Mário, 2012).

Natália, poesia vez, começa sua análise chamando atenção para o uso do Cordel como ferramenta educativa:

O diferencial desse trabalho está na forma criativa e culturalmente rica com que o conteúdo foi abordado: a utilização dos Cordéis como recurso didático [...] *cada aula possuía um contexto cultural muito bem pensado. Em cada etapa, as atividades resgatavam músicas e expressões populares que faziam referência direta a elementos da Botânica* que torna o aprendizado mais leve, acessível e significativo. — (Natália, 2025).

A observação também toca em um ponto sensível: a importância de tornar o conteúdo acessível, sem, no entanto, “esvaziá-lo”. A proposta busca romper com a rigidez de metodologias tradicionais de ensino, preservando o rigor científico e a complexidade dos conteúdos abordados.

Outro ponto muito positivo foi a abordagem das características das plantas da caatinga, explicando suas estruturas adaptadas ao clima semiárido... sempre relacionando com elementos visuais e com a cultura local. [...] foi bonito ver como eles se empolgaram, expressando sua criatividade ao mesmo tempo em que fixavam os conhecimentos sobre a flora nordestina. A valorização da cultura nordestina dentro do ensino de Ciências é algo necessário, e esse trabalho mostrou como isso é possível de maneira criativa e eficiente. (Daniely, 2025).

Esse trecho aponta para uma estratégia didática que se mostrou eficaz: o uso das imagens e das analogias culturais como suporte para compreensão dos conceitos abordados. A Caatinga, muitas vezes invisibilizada no currículo, tornou-se protagonista como bioma e como espaço criador de saberes. A fala evidencia também o papel da emoção e da expressão artística no processo de aprendizagem. Essa alegria dos alunos, observada com atenção por minha colega, revela também o encantamento como condição da aprendizagem. A isogravura proporcionou um espaço de autoria e experimentação. A reflexão final de Daniely sintetiza a relevância da proposta ao reafirmar que uma educação crítica é também uma educação culturalmente situada.

Aqui, Natália fala sobre a importância da interdisciplinaridade como um dos aspectos centrais da proposta. A isogravura também é valorizada.

Essa atividade foi muito especial porque promoveu a interdisciplinaridade entre Biologia e Artes, possibilitando aos alunos expressarem, de forma artística, os conhecimentos adquiridos sobre Botânica. [...] reforça a importância de práticas pedagógicas que dialoguem com a cultura e que valorizem diferentes formas de expressão e aprendizado. (Natália, 2025).

Esse comentário final converge com as ideias de uma educação que valoriza as múltiplas formas de aprender. A produção artística, nesse contexto, também se apresenta como uma forma de sistematizar e comunicar os saberes.

Os relatos de Daniely e Natália revelam o quanto a docência é um espaço de trocas, escutas e construção coletiva. Ao ouvirmos as suas considerações, compreendemos que a educação é, acima de tudo, uma prática que inspira e que se faz em rede, a exemplo dos momentos de coordenação coletiva.

4.6 PONTAS SOLTAS

Conforme mencionado anteriormente, a sequência didática aqui apresentada teve início nas aulas-testes. E, por mais que em um primeiro momento eu a tenha percebido como completa, no decorrer de sua execução, identifiquei alguns desdobramentos possíveis.

O primeiro deles diz respeito ao tempo disponível. Considerando a riqueza e a complexidade dos conteúdos abordados, que entrelaçam botânica, cultura popular e linguagem poética, a proposta poderia ser reestruturada para ocupar um bimestre ou até mesmo um semestre letivo, o que permitiria um maior aprofundamento conceitual e diversificação das estratégias pedagógicas. Esse potencial dinâmico e interdisciplinar me leva a considerar novas possibilidades de integração curricular e desenvolvimento dos temas propostos.

Uma duração mais extensa possibilitaria, por exemplo, tratar com mais tempo e cuidado aspectos específicos da Anatomia Vegetal, além de explorar criticamente o contexto histórico e cultural da Literatura de Cordel. Além disso, atividades investigativas poderiam ser trabalhadas com outras metodologias ativas, como projetos, estudos do meio ou sequências investigativas. Ao estender a proposta, cria-se espaço para diversificar estratégias pedagógicas e fortalecer a integração com outros componentes curriculares, como Língua Portuguesa, Geografia, Sociologia e Arte. Poderia citar como exemplos, criações coletivas de

cordéis autorais com base em temas científicos, produção de murais temáticos e realização de saraus ou feiras culturais como culminância do trabalho.

Assim, pensar a ampliação dessa proposta não seria apenas uma reorganização dos conteúdos. Implica também em pensar no fortalecimento de práticas pedagógicas que se afastam da fragmentação disciplinar e se aproximam de uma educação mais crítica, contextualizada e sensível à diversidade cultural dos sujeitos envolvidos.

Outro ponto a ser considerado entre as possibilidades de expansão da proposta é a elaboração de um manual interdisciplinar, voltado a educadores que queiram aplicar ou adaptar a sequência didática em diferentes níveis de ensino. Esse material poderia conter orientações metodológicas detalhadas, sugestões de textos cordelistas adaptáveis conforme a faixa etária ou etapa de ensino, propostas de atividades práticas e experimentais, indicações de leituras complementares e recursos visuais. Tal manual serviria não apenas como suporte pedagógico, mas também como um convite à experimentação e à ressignificação da prática docente, promovendo a valorização das culturas populares dentro do espaço escolar. Seria pertinente, inclusive, trazer descritas possíveis adaptações sobre técnicas e materiais. A própria isogravura é uma adaptação da técnica tradicional, desse modo, essa atenção considera os diferentes contextos escolares do nosso país e a disponibilidade de recursos.

Além disso, pode-se propor a criação de um projeto de extensão escolar, com foco na valorização da cultura nordestina e no diálogo entre saberes científicos e tradicionais. Oficinas abertas à comunidade escolar, voltadas à produção de cordéis, xilogravuras, contação de “causos”, rodas de conversa sobre a flora local e os saberes populares, poderiam integrar o projeto, aproximando a escola do território a qual pertence.

Outra possibilidade concreta seria a formação de um acervo escolar de cordéis autorais, produzidos pelos próprios estudantes a partir dos conteúdos científicos trabalhados em sala. Esse acervo, que poderia incluir também gravações em áudio ou vídeo, funcionaria como um instrumento pedagógico permanente, além de estimular o contato dos estudantes com diferentes formas de arte e expressão, incluindo as artes cênicas.

Apesar do envolvimento observado durante a aplicação, reconheço que o tempo disponível foi limitado. E, embora tenha sido oferecido devolutivas escritas, orais e feito observações ao longo das atividades, acredito que o uso de recursos como portfólios reflexivos, autoavaliações e rodas de conversa avaliativas poderia ter enriquecido ainda mais o processo, proporcionando um retorno mais aprofundado tanto para os estudantes quanto para mim enquanto professora, em constante formação. Ademais, a realização de um

momento coletivo de apreciação dos produtos finais, envolvendo outras turmas ou até mesmo toda a escola, teria sido valiosa para valorizar os processos criativos e fortalecer o sentimento de autoria entre os estudantes.

Por fim, permanece o desejo de que esta experiência continue gerando frutos. A proposta não se encerra neste trabalho: ela pode e deve ser recriada, adaptada, criticada e reinventada por outros professores, estudantes e contextos escolares. Assim como o cordel, que vive da oralidade, da repetição, da recriação e do compartilhar, esta sequência também está aberta, à espera de novos olhares e novos “porquês”.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **História de cordéis e folhetos**. 2. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2006.

AFONSO, Luís. **O surgimento da capacidade da fala**. 2017. Disponível em: <https://showcommerce-files.net.br/arquivos/1533503227o-surgimento-da-capacidade-da-fala.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2025.

ALBUQUERQUE Júnior., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/a-areade-ciencias-da-natureza>. Acesso em: 4 nov. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Línguas, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental - Ciências Naturais**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Literatura de Cordel: dossiê de registro. Brasília: IPHAN, 2018.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Educação, escola e cultura (s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 156–168, 2003.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Sociedade, cotidiano escolar e cultura (s): uma aproximação. **Educação e Sociedade**, v. 23, n. 79, p. 125-161, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**. 2. ed. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 11. ed. Campinas: Papirus, 2003.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Cortez, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GADOTTI, Moacir. Educação e diversidade cultural. São Paulo: Global, 2009.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Cordel: leitores e ouvintes. São Paulo: Autêntica, 2001.

GOIÁS (Estado). Secretaria de Estado da Educação. **Documento Curricular para Goiás – Etapa Ensino Médio: Formação Geral Básica**. Goiânia: Seduc, [s.d.]. Disponível em: <https://goias.gov.br/educacao/wpcontent/uploads/sites/40/documentos/PEDAGOGICO/Bimestralizacao%20Formacao%20Geral%20Basica%20DC%20GOEM.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2025.

GOVERNO DO BRASIL. Instituto Nacional do Semiárido (INSA). **Delimitação do Semiárido Brasileiro – 2024**. Brasília, DF: Governo Federal, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/insa/pt-br/centrais-de-conteudo/mapas/mapas-em-pdf/delimitacao-do-semiarido-brasileiro-2024.pdf/view>. Acesso em: 10 fev. 2025.

HIGOUNET, Charles. **A história concisa da escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Edição crítica de Lilia Moritz Schwarcz e Sérgio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

INSTITUTO DO MEIO AMBIENTE DE ALAGOAS (IMA). **Mandacaru se destaca na Caatinga por esbanjar resistência e beleza**. Instituto do Meio Ambiente de Alagoas, Maceió, 9 ago. 2023. Disponível em: <https://www2.ima.al.gov.br/mandacaru-se-destaca-na-caatinga-por-esbanjar-resistencia-e-beleza/>. Acesso em: 03 fev. 2025.

LOPES, José de Ribamar. **Literatura de cordel**: antologia. Fortaleza: BNB, 1982.

MACEDO, Fernando; MARQUES, Rodrigo. **Nordeste em prosa e cordel**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2021.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

OLIVEIRA, Rodrigo Leonardo Costa de; CAVALCANTE, Willian Alves. **Cordel para o ensino de botânica**: morfologia. 2. ed. Boa Vista: UERR Edições, 2020.

PINHEIRO, Hélder; MARINHO, Ana Cristina. **Cordel na sala de aula**. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Idelete Muzart-Fonseca dos. **Memória das vozes: cantoria, romanceiro & cordel**. Salvador: Secretaria da Cultura e do Turismo; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SANTOS, Roberto Elísio dos. **As teorias da comunicação: da fala à internet**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

SOUSA, Francisco Eudes de; LEMOS, Jesus Rodrigues. **Anatomia vegetal em cordel: volume I – Células e tecidos vegetais**. Teresina: EDUFPI, 2024.

THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VELOSO, Karla. **Cultura viva do Nordeste**. Recife: Massangana, 2021.

VIANA, Arievaldo. **Acorda Cordel na Sala de Aula: a literatura popular como ferramenta na educação**. 2. ed. Fortaleza: Tupynanquim, 2010.

VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna: um perfil biográfico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

WANDERSEE, James. H.; SCHUSSLER, EELisabeth. E. **Toward a theory of plant blindness. Plant Science Bulletin**, St. Louis, v. 47, n. 1, p. 2–9, 2001.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.

ZAPPI, Daniela. Pilosocereus (Cactaceae). **The genus in Brazil**. In: HUNT, D.;

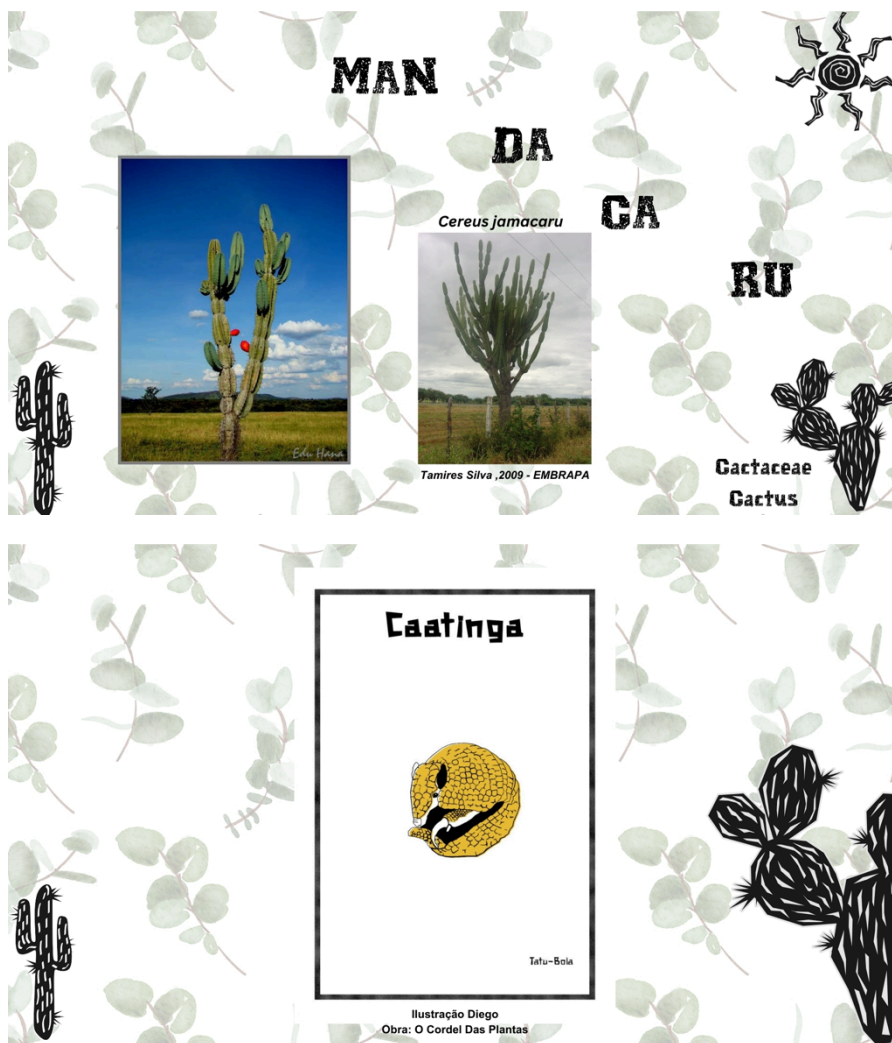
TAYLOR, Nigel. Paul. (ed.). **Succulent Plant Research**. v. 3. Milborne Port: D. Hunt, [s.d.]. p. 1–160.

APÊNDICE 1

SLIDES DA AULA – ESTÁGIO SUPERVISIONADO







Mandacaru (*Cereus jamacaru*)

Sou nativo do Brasil,
adaptado ao semiárido.
Conhecido como cardeiro,
pareço um candelabro!



candelabro



Imagem: 199



Imagem: Victoria Lobo

semiárido



Faço cerca,
não faço sombra ao longo do caminho
E tenho ótima defesa,
pois minhas folhas são espinhos.
Passarinhos utilizam meus frutos
como alimento,
ajudando na dispersão das sementes
e no meu renascimento.



"cerca viva"

Espinhos



Phil McLean - Naturalist

Frutos



Foto: Emanuel Rocha

Tenho flores brancas que desabrocham ao
anoitecer,
Durando apenas uma noite, murchando ao
alvorecer
Quando floresço no sertão,
a seca chega ao fim,
Transformando a Caatinga
num grande jardim!



caatinga

flor



Foto: Reprodução / infoescola





O xote das meninas

Mandacaru quando fulora na seca
É o sinal que a chuva chega no sertão
Toda menina que enjoa da boneca
É sinal que o amor já chegou no coração
Meia comprida, não quer mais sapato baixo
Vestido bem cintado, não quer mais vestir timão
[...]





[...]
Mas o dotô nem examina
Chamando o pai do lado, lhe diz logo em surdina
Que o mal é da idade e que pra tal menina
Não tem um só remédio em toda medicina...

*Luiz Gonzaga
Zé Dantas*

Tenho flores brancas que desabrocham ao anoitecer,
Durando apenas uma noite, murchando ao alvorecer

Aparelho bucal adaptado




* Relações Ecológicas



Foto: Susan McGrath, Merlin D. Tuttle

Algumas flores tropicais refletem o som, permitindo que os morcegos que procuram néctar consigam facilmente encontrá-las.

Adaptações →



Foto: Susan McGrath, Merlin D. Tuttle
Para National Geographic

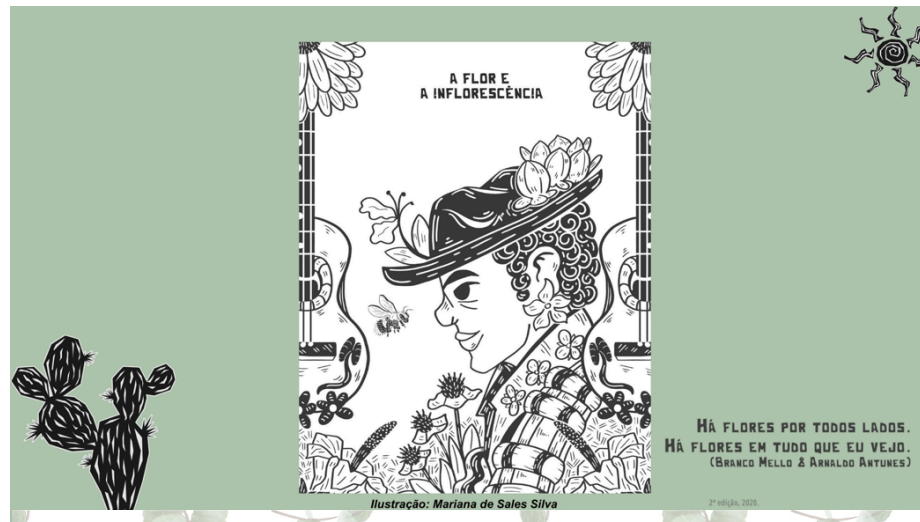
Polinização →



Foto: Susan McGrath, Merlin D. Tuttle
Para National Geographic

Adaptações:
Possuem língua comprida e focinho adaptados para alcançar o néctar no fundo das flores.

Polinização:
Ao se alimentarem, os morcegos nectarívoros ajudam a transferir pólen entre as flores, contribuindo para a reprodução das plantas.



A FLOR

Em cada verso que trago
Transcrevo de minha mente
Alguns rabiscos que canto
Que deixo ser diferente
Quero falar com excelência
Da flor e inflorescência
Pelas contas de um repente

Temos cálice, corola
Verticilosprotetores
Androceu e gineceu
Estes são reprodutores
E todos no receptáculo
Compõem assim as flores.

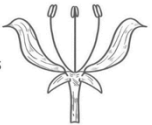
A flor é considerada
Um ramo modificado
Metamorfose da folha
Muito bem organizado
Seu meristema apresenta
Crescimento determinado.




As flores sem perianto
São as aperiantadas
Com o cálice ou a corola
São monoperiantadas
Flores com os dois verticilos
São as diperiantadas.

Com cálice e corola
Semelhantes entre si
Chamamos homoclamídeas.
Com cálice e corola Diferentes
entre si
São as heteroclamídeas.

Com androceu e gineceu
Por monóclinas chamadas
São denominadas díclinas
Quando unissexuadas
Flores sem reprodução
São as esterilizadas.




Díclinas

*Ilustração: Mariana de Sales Silva
Obra: Anatomia Vegetal em Cordel*

Flor ou inflorescência?

A FLOR

Em cada verso que trago
Transcrevo de minha mente
Algum rabisco que canto
Que deixo ser diferente
Quero falar com excelência
Da flor e inflorescência
Pelas contas de um repente

Flor simples



Foto: L. Lopes 2005

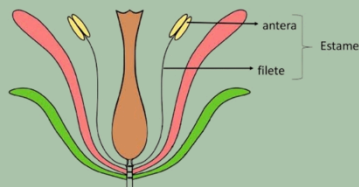


Inflorescência

**Temos cálice, corola
Verticilos protetores
Androceu e gineceu
Estes são reprodutores
E todos no receptáculo
Compõem assim as flores.**

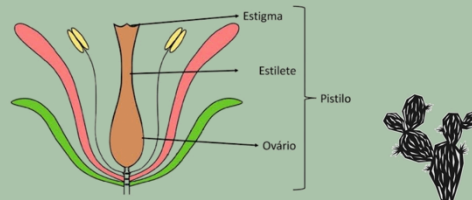
Androceu (= conjunto de estames)

- O androceu é o verticilo masculino da flor;
- O androceu é composto por estames;
- Os estames são formados pelo filete e pela antera.



Gineceu = conjunto de pistilos

- O gineceu é o verticilo feminino;
- o gineceu pode ser formado por um, ou por vários pistilos;
- O pistilo possui três partes, chamadas: ovário, estilete e estigma.



**As flores sem perianto
São aperiantadas
Com o cálice ou a corola
São monoperiantadas
Flores com os dois verticilos
São as diperiantadas.**

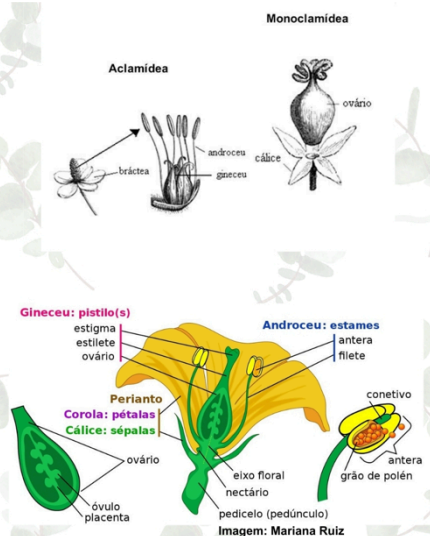


Imagem: Mariana Ruiz



APÊNDICE 2
ISOGRAVURAS PRODUZIDAS NO CEPI JK

